

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA EM REDE NACIONAL

Geísa Goersch Guterres

**“MULHERES DOS TRILHOS: O ENSINO DE HISTÓRIA DAS
MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO
CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI”**

Santa Maria, RS
2025

Geísa Goersch Guterres

**MULHERES DOS TRILHOS: O ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES
FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA
FERROVIÁRIA DE CACEQUI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ensino de História.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Nikelen Acosta Witter

Santa Maria, RS

2025

Guterres, Geisa Goersch
MULHERES DOS TRILHOS: O ENSINO DE HISTÓRIA DAS
MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO
CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI / Geisa Goersch
Guterres.- 2025.
98 p.; 30 cm

Orientadora: Nikelen Acosta Witter
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
História em Rede Nacional, RS, 2025

1. Mulheres 2. Ferrovias 3. Sul do Brasil 4. Trabalho
feminino 5. Profhistória I. Witter, Nikelen Acosta II.
Titulo.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, GEISA GOERSCH GUTERRES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Geísa Goersch Guterres

**MULHERES DOS TRILHOS: O ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES
FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA
FERROVIÁRIA DE CACEQUI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ensino de História.**

Aprovada em 25 de março de 2025:

Profª Drª Nikelen Acosta Witter, UFSM
Presidente/Orientadora (por videoconferência)

Profª Drª Letícia Schneider Ferreira, IFRS

Prof Dr José Martinho Rodrigues Remedi, UFSM

Santa Maria, RS

2025

“Narrar a nossa história como mulheres é sair do silêncio. É tornar visível as múltiplas experiências do cotidiano, detalhes da vida, que nem sempre são considerados importantes por pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento humano”.

Prof^a Dr^a Claudete Beise Ulrich

Dedica-se este trabalho a todas as mulheres que trabalharam na ferrovia, especialmente as que tornaram-se objeto desse estudo: Élida, Gladis, Nara, Angela, Jupira (*in memorian*), Marlene (*in memorian*), Bacica (*in memorian*) e suas famílias. Dedica-se também a minha família, amigos e meus discentes, os quais acompanharam minhas vivências nesta etapa importante em minha formação e diante do tema abordado.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata à minha família, ao meu esposo e companheiro de vida André e aos nossos filhos João Miguel, Matias e Joaquim, aos meus pais Rosane e Edmilson, minha irmã Liege, meus tios e tias, minhas primas e primos, os quais estão sempre me incentivando e apoiando na busca pelo conhecimento.

Aos meu avós (in memoriam), avó Elsa que sempre me encorajou a seguir com os estudos, seu esposo avô Carlitos, que não tive tempo de conhecer mas que era o fornecedor oficial de leite do Recinto Ferroviário de Cacequi, ao avô Wilson que trabalhou no depósito da ferrovia e que todos queriam viajar com ele, pois ele era o cozinheiro da turma, e avó Olga que sempre sonhou em ir adiante.

Agradeço aos professores membros da banca de qualificação e da presente dissertação:

Prof^a Dr^a Leonice Mourad, nossa prof Léo, que com paciência e carinho nos incentivou todo o tempo.

A minha orientadora Prof^a Dr^a Nikelen Acosta Witter por não desistir de mim e por sua compreensão e carinho.

As professoras Mônica Karawejczyk, Letícia Schneider Ferreira e José Martinho Rodrigues Remedi por aceitarem o convite para participarem das bancas e a auxiliar a melhorar esse trabalho.

A todos os incríveis professores da ProfHistória da UFSM, obrigada por todos os ensinamentos, conversas e cafezinhos.

A todos da minha turma por dividirem comigo suas experiências, anseios e alegrias da docência e desse sonho de nos tornarmos mestres.

Agradeço às mulheres ferroviárias e suas famílias e amigos que aceitaram contar um pouco sobre suas vidas e partilhar suas histórias

A todas as pessoas com quem peguei carona para chegar no campus, foram muitas e divertidas nossas viagens.

A todos que me ouviram perguntar e falar insistentemente sobre essas mulheres ferroviárias.

RESUMO

MULHERES DOS TRILHOS: O ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI”

AUTORA: Geísa Goersch Guterres

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a. Nikelen Acosta Witter

A presente pesquisa versa sobre o ensino de história das mulheres ferroviárias no contexto da ferrovia no Sul do Brasil, sobretudo em Cacequi e região, sua contribuição para história local e, como o (re)conhecimento da história dessas trabalhadoras auxilia na construção da identidade das estudantes enquanto sujeitas históricas. Partindo da invisibilidade sobre as mulheres ferroviárias e sua completa ausência na história contada no museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi, juntamente com a escassa bibliografia sobre a história do município de Cacequi, consideramos que o presente projeto se faz importante e necessário. A intenção deste estudo é demonstrar que os relatos orais ao serem apreendidos pela metodologia histórica adequada podem sim se constituir enquanto fontes. Estes relatos, quando registrados, cumprem a finalidade de, além de recuperar a história dessas trabalhadoras, demonstrar sua importância para a história local. Através de entrevistas com antigas trabalhadoras ferroviárias, utilizando a história oral como método, fazendo uso da técnica *snowball*, bola de neve, na qual se utiliza de indicações das entrevistadas e entrevistados para outras e outros possíveis depoentes, até um “nível de esgotamento” de informações acerca do tema estudado, essa investigação pretende recolher fotografias e/ou objetos que remetam a presença delas junto à ferrovia, bem como recuperar seu papel na história do município. O objetivo é usar imagens e relatos, a partir de entrevistas com essas trabalhadoras como fundamentos para uma exposição no Centro de Memória Ferroviária, a fim de envolver educandas e educandos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio com a história das mulheres e do transporte sobre trilhos na constituição de sua cidade.

Palavras-chave: Mulheres. Ferrovias. Sul do Brasil. Trabalho feminino. Profhistória.

ABSTRACT

WOMEN OF THE RAILS: THE TEACHING THE HISTORY OF WOMEN IN THE RAILWAYS THROUGH AN EXHIBITION AT THE CACEQUI RAILWAY MEMORY CENTER”

AUTORA: Geísa Goersch Guterres

ORIENTADORA: Prof.^a Dr^a. Nikelen Acosta Witter

This research focuses on oral history and the teaching of women's history in the context of the railroad in southern Brazil, its contribution to local history and how the (re)knowledge of the history of these workers helps in the construction of the students' identity as historical subjects. Starting from the invisibility of railway women and their complete absence in the story told in the museum Centro de Memória Ferroviária, together with the scarce bibliography on the history of the municipality of Cacequi, we consider that the present project is important and necessary. Its objective, when carried out, is to demonstrate that oral reports, when apprehended by the appropriate historical methodology, can indeed constitute themselves as sources. And that, when recorded, these reports will fulfill the purpose of, in addition to recovering the history of these workers, demonstrating their importance to local history. Through interviews with former railway workers, using oral history as a method, making use of the snowball technique, where indications from the interviewees and interviewees are used for other and other possible deponents, up to a “depletion level” of information about the subject studied, this investigation intends to collect photographs and/or objects that refer to their presence along the railroad, as well as to recover their role in the history of the municipality. The intention is to use images and reports as the basis for an exhibition at the Centro de Memória Ferroviária, with the aim of involving students in the final years of Elementary School with the history of women and transport on rails in the constitution of their city

Keywords: Women. Railways. Southern Brazil. Women's work. History.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. MAPA LIMITES GEOGRÁFICOS DE CACEQUI	23
FIGURA 2- MAPA DAS LOCALIDADES	24
FIGURA 3. MAPA FERROVIÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL MOSTRANDO AS LINHAS ATIVAS E DESATIVADAS OU SUSPENSAS	25
FIGURA 4 - MUSEU FERROVIÁRIO	27
FIGURA 5. MUSEU	28
FIGURA 6. DONA ÉLIDA SILVA SOARES EM SUA CASA NO DIA DA ENTREVISTA	38
FIGURA 7- LEMBRANÇA DA FERRIADE	41
FIGURA 8 - CRACHÁ DE SERVIÇO DE ÉLIDA SILVA SOARES.	42
FIGURA 9 – DONA GLADIS PIZZOLATO EM SUA CASA NO DIA DA ESTREVISTA	43
FIGURA 10: DECLARAÇÃO DE OPÇÃO PELO REGIME DE REGULAMENTO DE FUNDO DE GARANTIA POR TEMPO DE SERVIÇO	48
FIGURA 11 - NARA CAMINHA	49
FIGURA 12- CRACHÁ DE SERVIÇO DE NARA CAMINHA	50
FIGURA 13. NARA CAMINHA	51
FIGURA 14- PASSAGENS DO TEM HÚNGARO	52
FIGURA 15.- ZENITH SILVEIRA	53
FIGURA 16- ALBACIR SILVEIRA LOPES	54
FIGURA 17 - MARLENE POHLMANN	57
FIGURA 18. MARLENE NA ESTAÇÃO FÉRREA	58
FIGURA 19- CHURRASCO NA OFICINA DA VIA PERMANENTE	58
FIGURA 20. MARLENE POHLMANN E JUPIRA COELHO	59
FIGURA 21- JUPIRA COELHO	60
FIGURA 22- OS FILHOS REGINALDO E REINALDO NO ANIVERSÁRIO DE 60 ANOS DE SUA MÃE JUPIRA COELHO	61
FIGURA 23 - FOLHA COM FORMAÇÃO DE PREFIXOS DE TRENS NA SR-6	62
FIGURA 24- CONTRATO COM A FOLHA NA DATA DE 14 DE AGOSTO DE 1974	63
FIGURA 25- CONTRATO COM A FOLHA NA DATA DE 23 DE AGOSTO DE 1974	63
FIGURA 26- PEDIDO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO PARA REPARO DA CASA	64
FIGURA 27 - ANGELA LIMA	65
FIGURA 28- ANGELA LIMA E AS FILHAS CAMILE E LETÍCIA	67
FIGURA 29- MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI	69
FIGURA 30- PORTA DE ACESSO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PARA O MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI COM O BANNER NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?”	69
FIGURA 31- BANNER BACICA NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?” NO MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI	70
FIGURA 32- BANNER ANGELA NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?” NO MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI	70
FIGURA 33- BANNER ÉLIDA NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?” NO MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI,	71
FIGURA 34- BANNER MARLENE NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?” NO MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI	71
FIGURA 35- BANNER NARA NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?” NO MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI	72
FIGURA 36- COMPUTADOR DO MUSEU ONDE O TEASER FICA SENDO EXIBIDO.	72
FIGURA 37- RÁDIO ANTIGO DO ACERVO DO MUSEU ONDE TRANSMITE O SOM DO TEASER.	73
FIGURA 38- RÁDIO ANTIGO DO ACERVO DO MUSEU ONDE TRANSMITE O SOM DO TEASER.	73

FIGURA 39- PASTA COM AS FOTOS E DOCUMENTOS DAS ENTREVISTADAS DOADOS PARA EXPOSIÇÃO.	74
FIGURA 40- PASTA COM AS FOTOS E DOCUMENTOS DAS ENTREVISTADAS DOADOS PARA EXPOSIÇÃO	75
FIGURA 41- PASTA COM AS FOTOS E DOCUMENTOS DAS ENTREVISTADAS DOADOS PARA EXPOSIÇÃO	75
FIGURA 42- PASTA COM AS FOTOS E DOCUMENTOS DAS ENTREVISTADAS DOADOS PARA EXPOSIÇÃO.	76
FIGURA 43- TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?” NO MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI,	77
FIGURA 44- TURMA DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO NA EXPOSIÇÃO “ONDE ESTÃO AS MULHERES?” NO MUSEU CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI	77
FIGURA 45- AUTORA GEÍSA REPRESENTANDO AS MULHERES FERROVIÁRIAS	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 Ensino de História e seus principais paradigmas	15
História viva, a história oral	17
Estudos de gênero e estudos sobre a história das mulheres	18
A chegada dos trilhos no sul do Brasil	20
Cacequi dos meus recuerdos	23
Vivência das mulheres nos trilhos	30
3. Ensino em espaços não formais e educação museológica	32
Patrimônio brasileiro	34
As mulheres ferroviárias em Cacequi	37
Élida Silva Soares	37
Gladis Pizzolato	43
Nara Rosane da Silva Fagundes Caminha	48
Bacica por Zenith Aparecida Lopes Silveira	52
Marlene de Fátima Pohlmann	56
Desafios e sucessos da exposição “Onde estão as Mulheres?”	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

INTRODUÇÃO

A ferrovia desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do Rio Grande do Sul, sendo responsável por interligar cidades, fomentar o comércio e facilitar a circulação de pessoas e mercadorias. Em meio a essa dinâmica de crescimento econômico e urbanização, a cidade de Cacequi se destacou como um importante entroncamento ferroviário, tornando-se conhecida como "Coração Ferroviário do Estado". No entanto, além da importância técnica e logística da ferrovia, um aspecto frequentemente ignorado pelas narrativas históricas tradicionais é a contribuição das mulheres que trabalharam nas ferrovias e transformaram a realidade local.

A história das mulheres ferroviárias está bastante presente na memória da população residente e daqueles que não residem mais na cidade de Cacequi. Diante do estudo realizado nota-se que a bibliografia e os registros narrativos da história dessas trabalhadoras continuam sendo escassos, pois não há uma valorização pertinente, com isso destaca-se a preocupação enquanto Docente e Discente e Residente da Cidade sobre estas informações e por os históricos estarem se perdendo, e de alguma forma futuramente podendo ser extinguidas, já que há pouco interesse em investimentos para registrar e manter esta história de forma condizente com as experiências vividas por elas.

A cidade de Cacequi, localizada no interior do Rio Grande do Sul, a 408 Km da capital Porto Alegre, teve em seu desenvolvimento enquanto núcleo urbano a chegada da malha ferroviária. Atualmente, o município tem a maioria de seus pontos turísticos ligados à ferrovia, em especial o museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi, que localiza-se na antiga gare da estação férrea,

Conforme as visitas ao museu, junto aos alunos, notou-se a falta de materiais registrados e objetos expostos, os quais possibilitariam o conhecimento da história das mulheres ferroviárias, assim como o papel desempenhado por elas. Por conta disso, este trabalho tem como principal proposta a construção de uma exposição museológica, a partir de entrevistas com trabalhadoras remanescentes da viação férrea no município de Cacequi-RS. A ideia é completar as lacunas que são visíveis, inclusive, na construção da história do município de Cacequi.

Diante da atividade proposta destaca-se o questionamento para melhor compreensão: O porquê de as mulheres ferroviárias não serem visíveis no acervo do Centro

de Memória Ferroviária, nem do município, nem na história da ferrovia em Cacequi? Talvez por falta de pesquisa e/ou doações para o acervo de documentos em que elas “aparecem”? Onde pesquisar a história das mulheres ferroviárias de Cacequi?

A forma escolhida para responder a estes questionamentos é o registro dessas memórias, através de entrevistas às mulheres remanescentes do trabalho ferroviário no município. Diante da conclusão da etapa inicial, então desenvolve-se com a elaboração do produto dessa dissertação, uma exposição sobre as mulheres ferroviárias no Centro de Memória Ferroviária do município de Cacequi.

Apesar de essas trabalhadoras aparecerem nos relatos e na memória popular, em especial da dos ex-ferroviários homens e dos moradores mais antigos do município, pouco se tem em termos de reconstituição de seu cotidiano de trabalho e sobre as relações travadas por estas com o mundo social da atividade que exerciam. Muitas ex-funcionárias e/ou aposentadas da rede ferroviária ainda têm condições de contarem suas experiências de trabalho e vivências da época em que os trens cruzavam o país. Essas histórias permitem que se possa compreender o que era o trabalho na ferrovia, o qual foi majoritariamente masculino, mas não exclusivamente. No entanto, tais relatos não estão registrados em nenhum outro suporte que não a memória e as reminiscências dessas mulheres. Ainda vivas e ainda invisíveis, a história das mulheres ferroviárias destacadas precisa ser contada e é ela quem inspira essa pesquisa.

Através de entrevistas com as antigas ferroviárias de Cacequi, essa investigação recolheu memórias, fotografias e/ou objetos que remetem a presença delas como trabalhadoras da ferrovia, bem como recuperar seu papel na história do município. As imagens e relatos fundamentaram a exposição “Onde estão as Mulheres?” no Centro de Memória Ferroviária. Dessa forma, completou-se o objetivo final o qual foi de envolver educandas e educandos dos anos finais do Ensino Fundamental com a História das Mulheres e do transporte sobre trilhos na constituição de sua cidade.

Ao entrevistar, identificar e registrar os relatos das trabalhadoras da rede ferroviária fazendo uso de uma metodologia histórica adequada é possível vir a integrá-las ao manancial de conhecimentos sobre a história das ferrovias em nosso país. Esse material adquire *per se* o *status* de fonte. Ao mesmo tempo, no conjunto dessa pesquisa e elaboração de seu produto, os relatos cumprem a dupla finalidade de recuperar a história das trabalhadoras ferroviárias e demonstrar sua importância para a história local. Além disso,

pode-se descobrir e descrever as particularidades do trabalho feminino na ferrovia e suas relações trabalhistas e sociais. No intercuro das entrevistas também foi possível coletar fotografias e/ou peças pessoais, as quais vieram a constituir o acervo da exposição (produto final).

A exposição museológica foi planejada usando as fotografias e as vozes das entrevistadas em texto. Associou-se a este material uma instalação artística¹ feita com banners que questionam o porquê da ausência das mulheres ferroviárias no Centro de Memória Ferroviária de Cacequi. Para convidar a população, fez-se uso da divulgação de um *teaser*² das entrevistas nas redes sociais (Portaria CAPES 171/2018).

Como professora de ensino fundamental e pesquisadora deparo-me com muitas meninas jovens oriundas de famílias ferroviárias. No entanto, ao não verem histórias de mulheres sendo contadas como parte dessa época e do ofício, muitas dessas meninas tendem a não se sentir partícipes da construção e desenvolvimento de seu município. Logo, enxergar que as mulheres também foram trabalhadoras nesse marco identitário fundamental, que foi a ferrovia para o município de Cacequi, faz-se importante para o entendimento do funcionamento do mundo sobre trilhos, bem como da relevância do trabalho feminino. Além disso, esse conhecimento ao reforçar a consciência histórica pessoal, demonstra como é possível usar a memória para reconstituir e registrar a História.

A escolha do tema da pesquisa não foi por acaso, pois a Mestranda Geísa Goersch Guterres, mulher, mãe, discente, docente, latina, da classe trabalhadora, descendente de trabalhadores rurais e ferroviários cacequienses, Licenciada em História, professora desde 2013, prounista, destaca que estar no ProfHistória além de sonho realizado é uma conquista. A docente nasceu em Bagé, cresceu em Cacequi, município que se desenvolveu pela chegada da estrada de ferro e viu sua população diminuir drasticamente com a privatização da Rede Ferroviária. destaca que vivenciou os últimos anos da RFFSA, o seu tio Wilson foi maquinista e morava no bairro Recinto Ferroviário, onde os seus avós também viveram. Era comum ficar “preso” na passagem enquanto a composição passava. Como a espera era de alguns minutos, contava-se quantos vagões a máquina puxava, até passar para seguir o caminho. Por vezes, o trem permanecia parado e desligado e, para não precisar dar a volta,

¹ Uma instalação é uma manifestação artística contemporânea composta por elementos organizados em um ambiente

² Recurso de propaganda utilizado para novos produtos, onde se omite a identificação do produto com o objetivo de provocar a curiosidade do público em torno de seu lançamento iminente.

pulava-se sobre o engate, obviamente escondido, porque além de proibido era muito perigoso.

O bairro ferroviário – que já não existe mais – era composto por várias casas de moradia para os trabalhadores, além de uma escola para os filhos de ferroviários e o clube social. Tudo em meio aos trilhos do parque ferroviário. De um lado, a gare da estação e, de outro, o depósito, onde era feito o conserto das máquinas. Possuía duas ruas paralelas às linhas de ferro e três perpendiculares. O local cheio de vida, contava com crianças brincando nas ruas e pátios das casas. Em fins dos anos 1980 e começo dos anos 1990, durante a infância da mestrandia, a cidade ainda se lembrava do seu auge, quando o município chegou a contar com 30 mil habitantes.

Nos capítulos a seguir aborda-se o Ensino de História, principalmente no Brasil, sobre patrimônio cultural e educação patrimonial nos lugares de memória. Em seguida discute-se sobre a História local e a História oral e sua importância para as mulheres trabalhadoras do sul do país. A reconstituição de como se deu a chegada da malha ferroviária ao Brasil, à região sul e ao município de Cacequi é apresentada, assim como busca narrar as transformações passadas por Cacequi através dos trilhos; o surgimento e organização do museu Centro de Memória Ferroviária, e as atividades ali desenvolvidas. E, obviamente, adentrar nas memórias e nas experiências das mulheres trabalhadoras da ferrovia.

A primeira parte da pesquisa se dará através da pesquisa bibliográfica na literatura existente sobre os temas: história das mulheres, história das mulheres do Brasil, história das mulheres do sul do Brasil, trabalhadoras, ferroviárias, história oral, história local e educação patrimonial. Alguns repositórios também serão consultados como ProfHistória, CLACSO, Redalyc, Capes pelas palavras-chave: mulheres ferroviárias, mulheres, ferrovia.

Em seguida, em acordo com a orientadora, define-se algumas perguntas para entrevistar as mulheres ferroviárias do município de Cacequi-RS, fazendo uso da técnica *snowball*, bola de neve, na qual se utiliza de indicações das entrevistadas e entrevistados para outras e outros possíveis depoentes, até um “nível de esgotamento” de informações acerca do tema estudado. Sua utilização é indicada para temas sensíveis e por isso a escolha.

Essa metodologia permitiu que as histórias de mulheres pouco visibilizadas emergissem de maneira orgânica, além de favorecer o resgate de memórias individuais e coletivas que, somadas, contribuem para uma compreensão mais completa da importância das mulheres na ferrovia.

O roteiro das entrevistas foi realizado no formato de história oral de vida, com algumas questões predefinidas e outras questões abertas, livres e que proporcionaram às colaboradoras organizar suas narrativas conforme suas lembranças foram aflorando.

Os questionamentos realizados para as entrevistadas foram:

- Qual seu nome completo?
- Qual sua data de nascimento e sua idade?
- Qual sua naturalidade?
- Qual seu estado civil?
- Qual foi/ é seu cargo exercido/área?
- Quando ingressou (admissão), quando se retirou (demissão ou aposentadoria)?
- Você tem filhos?
- Onde você reside?

Conforme seus relatos poderão surgir outros questionamentos que poderão ser explorados. A divulgação dos dados será de escolha das entrevistadas.

A análise de conteúdo também objetiva-se conhecer melhor o mundo das mulheres e as relações de onde e com quem convivem. Recolhendo, quando possível, fotografias (pode ser para cópia) e/ou peças que remetem ao trabalho dessas mulheres das próprias entrevistadas. Após, realizar a montagem da exposição/instalação artística e divulgação da mesma.

Tanto para história quanto para cultura do local em que se fará essa pesquisa, apresentar a história das mulheres ferroviárias para as educandas e o grande público terá um papel importante. Nosso trabalho pretende ajudar no desenvolvimento do pensamento crítico para a formação cidadã de jovens, além de fixar o entendimento de que todas e todos são sujeitos históricos. Isso porque, muitas vezes, estes não se reconhecem como partícipes da sociedade em que vivem.

2 Ensino de História e seus principais paradigmas

*É impossível compreender seu tempo para quem ignora todo o passado;
ser uma pessoa contemporânea é também ter consciência das heranças, consentidas ou
contestadas*

RÉMOND, Renè

A consolidação da História como disciplina no Brasil teve contribuição fundamental dos programas e livros didáticos do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX. Antes, a História era atrelada a outras disciplinas, principalmente ensino religioso. No caso do Colégio Pedro II, ocorre uma influência mais laica, já que a maioria dos educadores da instituição fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) “portanto comprometidos, simultaneamente, tanto com a História acadêmica como com a ensinada” (Santos, 2015, p.69).

Desde então, muitos avanços foram alcançados. A conquista feminina de acesso à educação superior, em 1827, até as atuais pesquisas sobre gênero e História das Mulheres. Mas também se amargou alguns retrocessos, como a diminuição da carga horária de História e outros componentes curriculares das ciências humanas e sociais aplicadas no Novo Ensino Médio (NEM), implantado em 2022, cujos rescaldos ainda se fazem presentes. Nota-se que a “História enquanto disciplina escolar, possui longa história, permeada de conflitos e controvérsias na elaboração de seus conteúdos e métodos”. (Bittencourt, 2009, p.59).

Atualmente, o documento normativo que orienta todas as instituições escolares brasileiras, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), traz em seu texto sobre o componente curricular História: “Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos” (Brasil, 2018, p.397). Versando sobre o conjunto de habilidades e competências a serem trabalhadas em todos os níveis de ensino, o documento mostra como a relação passado/presente não se processa sozinha, é preciso conhecimento de referências teóricas para dar sentido aos objetos históricos. Reconhecer a si, ao outro e a nós, produzindo saberes em tempos e espaços diferentes, fontes diversas e analisar as relações que os geraram são as formas como vai se constituindo o saber histórico. Com o objetivo de estimular a autonomia de pensamento e perceber que

os grupos preservam ou transformam seus fazeres, vivências e costumes, o ensino de História se torna indispensável na formação das educandas³.

Nos primórdios do ensino de História no Brasil, era preciso decorar datas e nomes dos heróis (quase nenhuma heroína), felizmente, atualmente esta forma de ensino já se encontra ultrapassada. Elza Nadai (1993, p.144) aponta que a partir de uma “crise da História historicista”, resultado de diversas demandas sociais, historiadoras e historiadores passaram a questionar as teorias e os métodos utilizados até então, superando o modelo tradicional. Para um processo de ensino aprendizagem efetivo, passa-se a acreditar, deveria haver curiosidade. "Como falam os antropólogos, torna-se necessário estranhar o normal, perguntar-se sobre o cotidiano e suas banalidades, questionar-se sobre o óbvio. Não há conhecimento sem espanto." (Ramos. 2004, p.144). No ensino de História, pensar sobre o que está posto (e sobre o que não está) é ampliar a concepção de mundo.

O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. Uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade e nostalgia. (Pinsky; Pinsky, 2010, p.19)

O outro lado da moeda do ensino é a aprendizagem histórica e a formação de uma consciência histórica ativa. Isto é, a auto percepção das sujeitas como agentes da História e não apenas como reagentes. Sobre a aprendizagem histórica, Jörn Rüsen (2011, p.40) a define como: “É a consciência humana relativa ao tempo, experimentando o tempo para ser significativa, adquirindo e desenvolvendo a competência para atribuir significado ao tempo.”. Porém, ele mesmo afirma que a definição é muito ampla e que se reveste de variadas nuances.

O processo de ensino-aprendizagem das histórias de grupos invisibilizados em locais que historicamente os silenciaram, como os museus, torna-se significativo para a representatividade. Além disso, abre um leque de questionamentos quanto aos lugares que as educandas ocupam e suas relações de poder.

³ Utilizo o plural no feminino quando a referência for a todas e a todos.

O trabalho com a memória, a fim de percorrer os caminhos da história local, é um passo de suma importância, pois a memória enquanto processo de construção social é fundamental não apenas para a formação da identidade de um grupo, como para a integração social do indivíduo na coletividade, uma vez que esta busca em um grupo, sentimentos de continuidade e coesão de acordo com a sua cultura e suas tradições. (Soares, Minuzzi e Maciel, 2011, p.132)

História viva, a história oral

De acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy, a história oral é de difícil conceituação, pois a prática é dinâmica e criativa enquanto se renova pela tecnologia, ainda assim, se arrisca a defini-la: “História oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do ‘tempo presente’ e reconhecida como ‘história viva’”. (Meihy, 2005 p.17). Através da oralidade se podem fazer interpretações qualitativas de um mesmo fato ou período histórico com o viés na subjetividade

A consideração do âmbito *subjetivo* da experiência humana é a parte central do trabalho desse método de pesquisa histórica, cujo propósito inclui a ampliação, no nível social, da categoria de produção dos conhecimentos históricos, pelo que também se identifica e solidariza com muitos dos princípios da tão discutida “história popular” (Lozano, 2006, p.16)

A pesquisadora Lisliane Cardôzo (2021, p.52) completa que a experiência e interpretação são importantes para pesquisar histórias de vida como as que este trabalho recolherá, “tanto de quem narra, o sujeito da pesquisa, quanto de quem ouve, o pesquisador, que também partilha do processo de interpretação das vivências, suas e do narrador.” A professora Dora Schwarzstein (2001, p.2) adverte que assim como os documentos escritos do passado que se encontram nos arquivos não são histórias, as entrevistas também não são, esses são instrumentos para se fazer história.

O exercício de refletir o seu meio e o seu lugar nele de forma autônoma e crítica com as educandas deve ser contínuo. Não é possível separar o que somos do nosso papel social, portanto uma educação antirracista, decolonial⁴ e multiculturalista faz todo o sentido e é extremamente necessária. Valorizar a ancestralidade, oralidade e racionalidade latina, africana e afro diaspórica para conhecermos o quanto esses saberes nos ensinam e fazem parte da nossa cultura. Discorrer sobre a imposição de um modelo único baseado na

⁴ De acordo com o professor Luiz Fernandes de Oliveira “O termo decolonial faz referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista e a tentativa de construção de um projeto teórico de repensamento crítico e transdisciplinar para se contrapor ao padrão de poder colonial eurocêntrico”.

civilização greco-romana judaico-cristã ocidental nos fazendo repensar em como a diversidade deve ser privilegiada.

De acordo com Verena Alberti, um dos aspectos da história oral consiste em privilegiar narrativas de experiência pessoal como forma de ampliação do conhecimento. Essas narrativas nos aproximam tanto “daquilo que ocorreu no passado” como das maneiras como as pessoas se lembram daquilo que ocorreu no passado. (Alberti, 2021, p.204). A análise do discurso será feita levando em consideração o conceito de Eni Orlandi (Orlandi, 2015, p.13) que diz: procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico. E Michel Foucault (1996, p.39), que define alguns aspectos a serem avaliados: “[...] os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção”.

A memória possui características em relação ao discurso, tratada por interdiscurso, este “É definido como aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva [...]” (Orlandi, 2015, p.29). Laísa Costa (2021, p.31) confirma que cenas de uma vida passada recontadas no agora falam muito sobre uma história individual e coletiva, que se transforma ao longo do tempo e, que esse processo de (re)significação motiva novos olhares.

Estudos de gênero e estudos sobre a história das mulheres

A presente investigação se faz necessária para a comunidade, pois estudos que se referem às relações de gênero no município de Cacequi são inexistentes. Por gênero, entende-se uma diferenciação social, enquanto o sexo é uma diferenciação biológica. Segundo a enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo:

O termo gênero é comumente utilizado nas Ciências Sociais e Humanas para enfatizar o caráter cultural das diferenças existentes entre homens e mulheres. As assimetrias de poder que demarcam essas distinções e discriminações são justificadas pela atribuição de características entendidas como naturais entre homens e mulheres, traços decorrentes das distinções corpóreas, em especial as associadas às capacidades reprodutivas. (Mazzariello e Ferreira, 2015, n.p)

As conexões sociais em que mulheres e homens se relacionam refletem também no mundo do trabalho. Segundo Danièle Kergoat (2009, p.67) essa divisão sexual do trabalho “[...] é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação

prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.)”, separando e hierarquizando o trabalho.

A vida dessas mulheres é relevante para contar o desenvolvimento da cidade através dos trilhos. Rusen (2011, p.43) afirma que “A narrativa histórica pode então, em princípio, ser vista como aprendizado quando, com ela, as competências forem adquiridas através de uma função produtiva do sujeito, com as quais a história será apontada como fator de orientação cultural na vida prática humana.”. É notável como utilizar da metodologia da história oral junto à essas mulheres é indispensável:

[...] e já não se trata de reparar uma exclusão. O que precisamos é buscar formas mais eficientes de fornecer legitimidade ao que temos feito, ou seja, a constituição de um novo campo de estudos, intitulado “História das Mulheres e das Relações de Gênero”. Soihet; Pedro (2007, p. 282)

Os estudos de gênero, vilipendiados durante muito tempo no meio acadêmico, são imprescindíveis para dar espaço às vozes que foram silenciadas ao longo da História. Conforme Joana Pedro (2005, p.78) quando falamos em “relações de Gênero”, estamos nos referindo a uma categoria de análise, da mesma forma que quando falamos em classe, raça/etnia, geração.

De acordo com Georgiane Vázquez (2017, n.p), é impossível entender relações de gênero sem a compreensão do movimento feminista e, conseqüentemente, de sua história, que tem seu início com a reivindicação de direitos civis em meados do século XIX. Maria Cristina Freitas (2021, p.19) lembra que para nomear a luta das mulheres para a melhoria de suas condições de vida, o filósofo socialista francês, Charles Fourie, cunhou o termo Movimento Feminista, em 1837. Desde então, o movimento ganhou mais adeptas, notoriedade e muitos braços abrangendo toda a diversidade das mulheres, como feminismo negro, interseccional, liberais, decolonial, etc. A modernidade propiciou a auto narrativa, além da luta feminina de igualdade e liberdade (Valentim; Martins; Rodrigues, 2019, p.3).

A partir do estudo da história das mulheres se pode revelar outros aspectos de um mesmo grupo estudado. Afinal, as mulheres não têm uma história à parte, elas estavam presentes em todos os momentos.

A contribuição particular da história das mulheres foi a de reorientar o interesse pelas pessoas comuns do passado – motor da história social – na direção das mulheres e das suas relações sociais, econômicas e políticas. Fazendo isto, os(as) historiadores(as) das mulheres utilizaram o método chave da história social: a

biografia coletiva, agrupamento de descrições individuais, padronizadas de modo a traçar o retrato de um grupo inteiro e oferecer um meio de estudo das variações interindividuais. (Tilly, 1994, p.35)

A chegada dos trilhos no sul do Brasil

*Na velha estação de trem
A vida passa
devagar
As lembranças caminham sem pressa
De ver o tempo passar!*

Fatinha Mussato

A estrada de ferro chegou ao Brasil em 1854, com seu primeiro trecho de linha com 14 km de extensão, a Estrada de Ferro Petrópolis, ligando Porto Mauá a Fragoso, no Rio de Janeiro. Objetivando o escoamento da produção agrícola (sobretudo a cafeeira) e incentivando o desenvolvimento da infraestrutura – característico da política do período imperial –, a construção das linhas férreas também interligava o interior do país com o litoral. Com um sistema de concessões, o governo tentava atrair investidores estrangeiros para alavancar a malha de transportes. Em fins do século XIX, as ferrovias haviam avançado muito, principalmente, com recursos britânicos. (IPHAN, n.p.).

No Rio Grande do Sul, a ferrovia representou a chegada da “civilização”, entendida como desenvolvimento econômico para as elites nacionais (Flôres, 2007, p.67). Principiando sua construção no período que vai de 1868 a 1875, é somente em 1920 que foi criada a empresa estatal *Viação Férrea do Rio Grande do Sul* (VFRGS). Em 1957, está se junta a outras ferrovias regionais, rebatizando-se como *Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima* (RFFSA).

Para os trabalhadores da empresa, estabeleceu-se uma nova profissão, a de ferroviários. Estes eram atuantes em espaços e ofícios diversificados, o que fez do emprego nas ferrovias um “meio de afirmação e ascensão social para esta parcela significativa do proletariado gaúcho” (Flôres. 2007, p.241). A VFRGS, depois RFFSA, adotou estratégias que acabaram por solidificar seus trabalhadores como uma categoria profissional. Utilizava-se de uma política de antiguidade, como o plano de carreira de longa duração e a promoção

por tempo de trabalho. A empresa era também paternalista com os funcionários, com moradias próximas aos locais de trabalho, cooperativas e clubes ajustando o tempo entre trabalho e lazer. (Gómez, 2017, p.1-2).

Conforme assegura João Rodolpho Flôres,

Através das fotografias é possível analisar questões que envolvem diretamente o trabalhador ferroviário tais como habitação, alimentação, saúde, vestuário, educação, lazer, condições de trabalho, movimentos reivindicatórios, etc. Também é possível avaliar a infraestrutura das empresas ferroviárias, como as condições da via permanente, do material rodante, das oficinas, dos depósitos, das estações, da extração de madeira e carvão, dos acidentes, do tipo de produção transportada etc. (Flôres, 2007, p.50)

A análise do acervo fotográfico e documental do Centro de Memória Ferroviária de Cacequi serve para reconhecer as relações femininas com o mundo do trabalho ferroviário, ou a ausência das mulheres nesses acervos e os possíveis desafios e preconceitos enfrentados por essas trabalhadoras.

Lídia Possas (2001) observou – em sua pesquisa sobre as mulheres na cidade paulista de Bauru – que o ambiente de trabalho das ferroviárias, além dos silenciamentos, era marcado por assédios, inquietações e preconceitos. Isso porque, muitas vezes, as funcionárias eram vistas como “vagabundas”, segundo palavras da autora, por trabalharem fora de casa:

A história da cidade de Bauru ganha outras leituras e outros olhares a partir da inserção das mulheres e a perspectiva do público e do privado. Não se trata de escrever uma história das mulheres, ou de fazer biografias, como atitude de revanche diante de um longo processo de exclusão, dominação e submissão, mas com elas perceber outros movimentos, outras relações sociais e outras formulações dos procedimentos do poder; enfim, outras maneiras de perceber o cotidiano e as mudanças que afetaram a sociedade brasileira no período (Possas, 2001, p.139).

Nas entrevistas realizadas para esse trabalho nenhuma das entrevistadas narrou algum tipo de assédio, mesmo assim durante a pesquisa surgiram relatos, de mulheres que trabalharam em outras cidades da região, de que os colegas homens tinham má vontade de ensinar as atividades do trabalho, demonstrando a insatisfação de estarem dividindo a mesma função. Esses relatos não foram incluídos nessa dissertação, pois as mulheres consultadas não haviam trabalhado em Cacequi. As ferroviárias de Cacequi quando questionadas sobre assédio disseram que o ambiente de trabalho era muito bom e que os

colegas as tratavam com muito respeito, recordando que conheciam suas famílias, geralmente seus pais também ferroviários.

Cacequi dos meus recuerdos

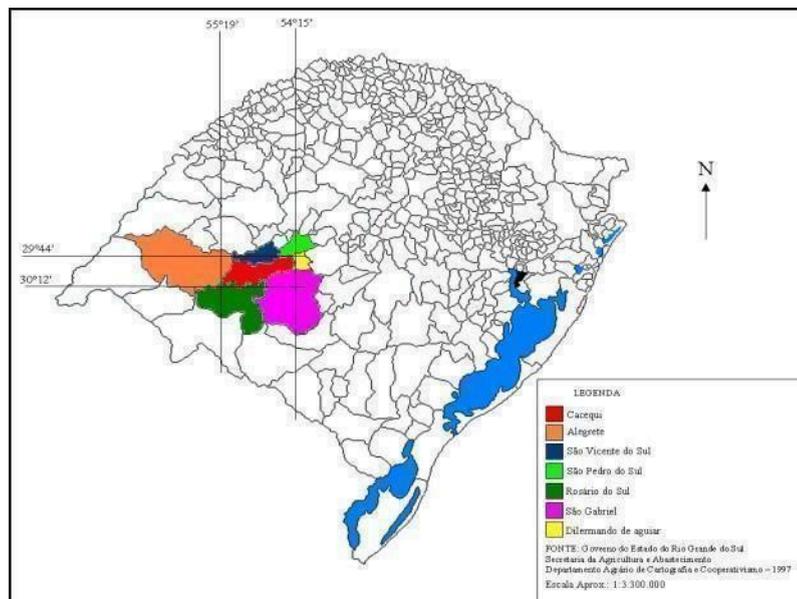
*Beber no rio
Ibicuí O trem parou na
estação E aqui inventou
Cacequi.*

Joni Pancaro Cavalheiro e Edilberto Teixeira

Cacequi é um município brasileiro do interior do estado do Rio Grande do Sul. Localizado na região da Campanha, possui população estimada de 12.291 habitantes e área territorial de 2.373,507 km², de acordo com o censo de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Cacequi foi inicialmente povoada por povos indígenas e a origem do nome vem desses primeiros habitantes, seu significado segundo o Dicionário Ilustrado Tupi Guarani é "planta viva", onde “caá = planta, folha; cicue = Viva; => planta viva”.

Figura 1. Mapa limites Geográficos de Cacequi



Fonte: FAMURS/RS.

A Figura 1 apresenta o mapa do município de Cacequi e os municípios vizinhos. Já a Figura 2, apresenta as localidades do município, para além de sua sede. Nesta última,

datilógrafos, escriturários, telegrafistas, mecânicos, entre outros cargos. O trabalho era pesado, física e mentalmente, e exigia que os trabalhadores tivessem conhecimento técnico e atenção aos detalhes.

Contudo, a importância do papel da ferrovia fez com que esta se tornasse uma fonte significativa de empregos em Cacequi, fornecendo oportunidades econômicas para a comunidade local. Apesar dos desafios, trabalhar na ferrovia foi motivo de orgulho para muitos habitantes da cidade e fundamental para conectar pessoas e mercadorias em toda a região.

O município possui alguns pontos turísticos naturais e históricos, entre eles estão às voçorocas do Macaco Branco, a Ponte do Entroncamento, que é a maior ponte metálica férrea da América Latina, a Gare da Estação Férrea onde se localiza o museu Centro de Memória Ferroviária, as ruínas do Clube Grêmio Ferroviário Apolo, sendo estes últimos ligados ao complexo ferroviário.

Figura 3. Mapa Ferroviário Rio Gande do Sul mostrando as linhas ativas e desativadas ou suspensas



Fonte: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/midia/imagem/2022-modal-ferro-coredes>

O museu *Centro de Memória Ferroviária* localiza-se na gare da estação férrea, no primeiro andar da sala onde funcionava o telégrafo. Inaugurado no ano 2000, a partir da preocupação da administração municipal e ex-ferroviários de que a memória da época e da companhia se perdesse. A maioria das peças do acervo foi doada pelos próprios criadores do lugar, principalmente o ferroviário aposentado Sr. Aristides Pizzolatto.

O prédio já teve seu pedido de tombamento histórico, que é a solicitação de reconhecimento como bem cultural, feito junto ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) pela administração municipal. Como se trata de patrimônio da União, isto é, um imóvel público pertencente ao Governo Federal, a prefeitura ainda está em processo de andamento para o pedido, pois no ano de 2022, o prédio foi transferido da União para a administração municipal.

Visitar esse museu se transforma em uma experiência de imersão, já que ele se encontra no complexo ferroviário, configurando-o como um ecomuseu. O conceito de ecomuseu, explica Bruno Brulon (2015, p.267) nasceu na França pós-colonial, através de um movimento de “nova museologia” nos anos 1980, pensando na descolonização dos museus e aliados a novas práticas museológicas realizadas desde os anos 1960. O autor ressalta que o ecomuseu “[...] representou a utopia da democratização da memória, por meio de um mecanismo museológico inclusivo que tinha por objetivo principal o de dar a palavra àqueles que apenas raramente partilhavam da cena da História”. (Brulon, 2015, p.267).

Portanto, o Centro de Memória Ferroviária de Cacequi, através de sua localização e de peças de seu acervo serem provenientes de doações dos trabalhadores e moradores e ex-moradores da cidade, se caracteriza como um ecomuseu, pois dá visibilidade para as histórias desses indivíduos, já que as peças eram de uso pessoal.

O acervo conta com peças e documentos de ex-ferroviários, fotografias e instrumentos de trabalho utilizados nos diversos ofícios que existiam à época do funcionamento da VFRGS e da RFFSA. Somado a todo o ambiente onde se pode ver pelas janelas a antiga carvoeira utilizada para carregar os vagões com o combustível das Marias Fumaças, também se vislumbra as ruínas do prédio do Clube Grêmio Ferroviário Apolo, da

antiga casa do engenheiro e o local onde ficava o recinto ferroviário, bairro em que a maioria dos trabalhadores habitava ao longo da linha do trem.

Além dessas peças relacionadas aos ofícios dos ferroviários, o museu dispõe em seu acervo troféus, atas, fotos e recortes de jornais sobre os times de futebol dos ferroviários e alguns móveis que pertenciam ao Clube Grêmio Ferroviário Apolo. Ali estão a sala da secretaria, um conjunto contendo a mesa, cadeiras e cristaleira, e também a poltrona utilizada pelos reis momos durante os bailes de carnaval. Assim, tanto a história de trabalho quanto a história de lazer dessas trabalhadoras e trabalhadores são contadas através do acervo desse ecomuseu.

Durante a 19ª Semana Nacional de Museus, no ano de 2021, a equipe de trabalho do museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi participou com a divulgação de oito vídeos em seu canal no *Youtube*. Naquele mês de maio, o Brasil ainda passava pelo distanciamento social devido à pandemia de Covid-19, provocada pelo novo coronavírus, SARS-COV-2 e, esse meio virtual se tornou um jeito de poder revisitar, visitar ou conhecer o museu.

Figura 4:

Figura 4 - Museu Ferroviário



Captura de tela 3min08seg desse vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=v1aXqsxSCfQ>
acesso em 17 mar 2022

Na ocasião, foram convidados ex-ferroviários e a secretária de educação do município à época da criação do museu para conceder entrevistas gravadas, contando sobre a história da criação do Centro de Memória. Os entrevistados ainda falaram sobre o trabalho na ferrovia, o Clube Grêmio Ferroviário Apolo, além de participarem de uma roda de

conversa da equipe com o museólogo e mestre em Patrimônio Cultural Éder Oliveira e a arquivologista e mestre em Patrimônio Cultural Joséli Pasetto Bittencourt sobre a temática da semana: *O futuro dos museus: recuperar e reimaginar*. Também ocorreu a palestra com a Profª Drª Luiza Horn Iotti sobre Patrimônio e Educação Patrimonial em tempos de pandemia.

Para iniciar a semana foi divulgado um vídeo de apresentação do museu⁴ com a participação do Grupo Teatral Quinto Agito mostrando algumas peças do acervo e contando com atrizes e atores encenando as pessoas que fizeram parte da história de Cacequi e do museu, como os objetos que eram utilizados no passado e como foram parar naquela instituição.

Figura 5. Museu



Captura de tela 3 min. desse vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=v1aXqsxSCfQ> acesso em 17 mar 2022

Mesmo depois de 21 anos de sua inauguração, as mulheres ferroviárias continuam invisíveis, não havendo nenhuma menção a alguma ferroviária que ali trabalhou, nem mesmo nas peças do museu. No momento da criação do museu, vários ex-ferroviários doaram peças para aumentar o acervo que Aristides Pizzolatto havia doado, porém não foram solicitadas doações a nenhuma das trabalhadoras naquele momento. No canal do *Youtube* do museu foram feitos outros vídeos, nos quais essas trabalhadoras ainda não aparecem.

Todavia muitas moradoras ainda se recordam das mulheres que trabalharam na ferrovia, figuras conhecidas e sempre lembradas como a Tia Bacica, garçõnete do vagão restaurante, a senhora Élide que trabalhava na bilheteria e a dona Marlene que teve um cargo de chefia e participou do programa de demissão voluntária à época da transição da privatização da RFFSA, para abrir sua loja de artigos religiosos.

⁴ Conheça o Centro de Memória Ferroviária em Cacequi – RS. Museu Centro Memória Ferroviária. Youtube. 17 de mai. 2021. 07:09 min. <https://www.youtube.com/watch?v=v1aXqsxSCfQ&t=7s> Acesso: 10 out 2022.

Vivência das mulheres nos trilhos

O que temos de bibliografia sobre trabalhadoras do início do século XX foi produzido, em sua maioria, por homens. Margareth Rago (2013, p.579) confirma que isso significa que lidamos muito mais com a construção masculina da identidade das mulheres trabalhadoras do que com sua própria percepção de sua condição social, sexual e individual.

Por trabalho, entende-se que é o resultado histórico de luta dos seres humanos com a natureza no processo social de produção de sua vida, com todas suas transformações ao longo do tempo (Saffioti, 2013, p.70). Porém, o direito ao trabalho remunerado e fora dos lares teve de ser conquistado por grupos de mulheres (as mais pobres nunca puderam se furtar a ele), ao contrário dos homens que, historicamente, o têm como uma obrigatoriedade. Essa percepção do trabalho feminino, assim como o dever social que tem as mulheres de se dedicar primordialmente à família marcaram importantes diferenças na percepção do mundo do trabalho feminino em relação ao dos homens. (Strey, 1997, p.60).

Para muitos médicos e higienistas, o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família. De que modo as mulheres que passaram a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação de caráter? (Rago, 2013, p.588)

Essas preocupações estavam voltadas, especialmente, para as mulheres de classe média, que começavam a ganhar espaço no mercado de trabalho. Não excluindo as trabalhadoras pobres como alvos do moralismo, pois estas seriam mães dos futuros cidadãos. Maria Matos e Andrea Borelli (2012, p.127) lembram que as mulheres sempre trabalharam mesmo que suas atividades fossem confundidas com ofícios coletivos e familiares, embora pesquisando uma mesma categoria — as mulheres ferroviárias — é bem provável que apresentem diferenças entre si, não só quanto a cargos exercidos, mas como é comum a qualquer grupo social, se mostrem diversas. Cecília Toledo ratifica “Ser mulher para umas é bem diferente de ser mulher para outras” (Toledo, 2001, p.9), por isso a análise decolonial se torna importante para entender todas as nuances que podem ser apreendidas numa estratificação a princípio uniforme.

Considerar as diversas opressões que as mulheres sofrem facilita o entendimento das resistências e dos silenciamentos. Segundo María Lugones: “A colonialidade de gênero permite-me compreender a opressão como uma interação complexa de sistemas econômicos, racionalizantes e engendrados, na qual cada pessoa no encontro colonial pode ser vista como um ser vivo, histórico, plenamente caracterizado” (Lugones, 2014, p.941). Todavia Michelle Perrot (2020, p.179) fala da contribuição das pesquisas feministas recentes na superação do discurso de dominação e opressão, buscando mostrar o protagonismo das mulheres.

Pesquisando em alguns livros de ponto, livros de registros das horas trabalhadas de funcionários, ainda da época da VFRGS, dos anos 1930, 1933 e 1940, foram encontradas mulheres telegrafistas em localidades diferentes, estações pequenas ao longo da linha férrea de Cacequi, são elas: Corte, Jacaquá, Tigre e Boa Vista, totalizando cinco ou seis trabalhadoras. A leitura do livro-ponto de 1933 foi deficitária devido ao estado de má conservação, e o nome Aracy não pode ser verificado com exatidão.

Os livros-ponto se referem a poucos meses, geralmente dois, devido a quantidade de folhas. Mesmo assim, é possível verificar que essas mulheres tinham o mesmo salário dos telegrafistas homens, porém não permaneciam por muito tempo, em poucos meses elas “desapareciam” do documento. Nenhuma gozou férias nos livros consultados. Talvez elas tenham deixado de trabalhar “fora” depois de casar ou engravidar, infelizmente não é possível saber. Lembrando que pelo Código Civil de 1916, a esposa apenas poderia exercer uma atividade profissional com o consentimento do marido, um sistema de poder marital. De acordo com a legislação, o marido era reconhecido como o líder da união matrimonial, enquanto a mulher era vista como sua dependente. Essa Lei 3.071 de 1916, antigo Código Civil, vigorou de 01 de janeiro de 1917 até 10 de janeiro de 2002.

Os direitos trabalhistas femininos foram sendo conquistados lentamente, como todos os direitos femininos são no mundo em que vivemos: patriarcal, capitalista e cristão. Impensável que uma lei que obrigava as mulheres a passarem por essa violência tenha chegado ao século XXI. Mesmo com o "Estatuto da Mulher Casada", Lei 4.121 de 1962, que deixa de considerar a mulher civilmente incapaz, não mais precisando da autorização do cônjuge para trabalhar fora, receber herança, comprar ou vender imóvel, assinar documentos ou viajar.

Outra percepção é que geralmente estavam em cargos da área administrativa. As mulheres de todos os livros de ponto pesquisados exerciam o cargo de telegrafista.

3. Ensino em espaços não formais e educação museológica

Por educação não formal entende-se por qualquer ação preparada fora do âmbito escolar, podendo ser trabalhada a parte ou associada ao sistema formal, na qual o público alvo são as educandas e que tenham objetivos de aprendizagem. Alguns exemplos são visitas a zoológicos, museus, pontos turísticos, monumentos, entre outros.

A educação não formal é importante para que as educandas desenvolvam o pensamento crítico e sintam-se pertencentes como sujeitas históricas e como cidadãs. No dizer de Francisco Franco (2019, p. 37-38), a educação formal e não formal deve prezar pelo diálogo das pessoas com o meio em que vivem de forma crítica e emancipadora. Sensibilizando esses cidadãos para valorização e preservação de seus patrimônios locais. Pela observação e compreensão do mundo vivido que se dá nossa formação como sujeitos históricos.

Assim, educar de forma crítica impõe ir além das aparências em busca constante para desvelar e revelar as essências das coisas e dos fatos, com vistas a confrontar seu sentido, sua permanência, as influências que exercem sobre o mundo atual, como também as ausências, as lacunas, entre tantas outras questões que merecem uma reflexão e aprofundamento sobre as adequações (e inadequações) dos sentidos e significados que foram se consolidando com o tempo, à nossa época, aos nossos anseios, desejos e necessidades, rumo a construção de um mundo mais democrático, justo e solidário. (Franco, 2019, p.38)

A orientação do olhar através do planejamento da educadora, considerando os objetivos e temas ministrados em sala de aula, local formal, é fator valioso e complementar na mediação do processo ensino-aprendizagem. O incentivo às educandas durante as aulas a uma conduta investigativa leva a apropriação dos ensinamentos de locais não formais na educação. Além disso, é possível destacar o desenvolvimento das educandas como cidadãs ativas, a aprendizagem se dá através da interação com o “outro” e a troca de saberes entre eles.

A Política Nacional de Educação Museal do Instituto Brasileiro de Museus, Ibram, tem como um de seus objetivos “assegurar que a organização e o fortalecimento do campo da educação museal sejam conduzidos de maneira inclusiva e representativa, respeitando a

diversidade territorial, social e cultural do Brasil” (Ministério da Cultura, 2024), assim o museu enquanto centro cultural e espaço não formal de educação oferece um ambiente fascinante para promover o encontro entre diversos públicos e gerações, se configurando em espaços de experimentação e interesses de identidade coletiva.

A divulgação da exibição de fotos e vozes, com a instalação artística no Centro de Memória Ferroviária de Cacequi sobre as mulheres ferroviárias, foi feita através de um *teaser* divulgado nas redes sociais da autora. O *teaser* é um recurso conhecido de propaganda usado para lançamento de novos produtos, onde se omite a identificação do produto com o objetivo de provocar a curiosidade do público. O *teaser* foi elaborado com trechos das entrevistas das mulheres que foram ferroviárias em Cacequi.

Utilizar meios de comunicação em que as adolescentes estão habituadas é vantajoso para uma publicidade que busque chamar sua atenção e envolvê-las. Liége Barros lembra que: “Exposições necessitam de organização, seleção, contextualização e divulgação, seja através de sites, redes sociais ou outros meios digitais, sua abrangência é maior, alcançando novos públicos além dos moradores da cidade”. (2022, p.149).

A exibição foi trabalhada a partir das perguntas: “Onde estão as mulheres no museu?” e “Será que existiam mulheres ferroviárias em Cacequi?” em sala de aula antes da visita, essa realizada com os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Através da divulgação da exposição, esperou-se ampliar o interesse do grande público para o tema e, por conseguinte, ampliar a visita.

A exposição “Onde estão as mulheres” está disponível, desde sua inauguração, no dia 9 de dezembro de 2024, para todos os visitantes no Centro de Memória Ferroviária de Cacequi, e com a divulgação do *teaser*, através das redes sociais, pretende-se atingir um grande grupo de pessoas, instigando a refletir sobre os motivos através da pergunta do título o porquê delas não aparecerem antes nos acervos do referido museu.

A exposição permitirá o acesso por todos os docentes do município, possibilitando sensibilizar as educandas para problematizar as invisibilidades da história das mulheres e outros grupos subalternizados, viabilizando aos jovens visitantes uma melhor compreensão da presença das mulheres no trabalho ferroviário.

Patrimônio brasileiro

Sobre o patrimônio cultural do país, a Constituição de 1988 declara que “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Constituição da República Federativa do Brasil, 2006). Os museus, centros de memória e instituições culturais que salvaguardam as memórias permitindo o estudo das peças de seus acervos se destacam como locais de ensino aprendizagem.

Originar e proporcionar a reflexão crítica sobre os modos de pensar, ser e fazer as coisas, os princípios que orientaram sua elaboração, o como a vida se organizou em tempos e espaços distintos, as experiências sociais e históricas dos sujeitos que se revelam nas obras de artes visuais, nas poesias, nas músicas, danças, montagens teatrais etc. (Franco, 2019, p.107)

O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) desde 2007, a partir da Lei 11.483, de 31 de maio de 2007, passou a ter atribuições específicas para receber e administrar os bens móveis e imóveis do espólio da extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). De acordo com o Artigo 9 desta Lei o IPHAN também deve zelar pela guarda e manutenção dos bens de valor artístico, histórico e cultural.

Com o objetivo de informar, orientar e estabelecer procedimentos para uso no âmbito do Patrimônio Cultural Ferroviário, o IPHAN possui um Manual Técnico do Patrimônio Ferroviário. No breve histórico da RFFSA o manual traz as leis do período de desestatização, começada em 1995, até o início da sua liquidação em 17 de dezembro de 1999. Percebe-se que com o fechamento de algumas estações de trem, que não seriam necessárias para operacionalização das novas empresas, começou um processo de abandono desses imóveis.

As estações, em sua maioria, foram fechadas por não serem necessárias à operação ferroviária do transporte de cargas. Este fato gerou um processo de deterioração dos prédios, que, abandonados, passaram a ser depredados e pichados, o que representa uma séria e constante ameaça ao desaparecimento de importantes exemplares do Patrimônio Ferroviário (IPHAN, 2010, p.19)

Em Cacequi, que pertencia a Malha Sul, o arrendamento foi feito para a concessionária América Latina Logística (ALL) que não utilizava o prédio da estação. Tendo famílias de ferroviários moradoras do prédio que foram removidas em 1999, a

administração municipal deu início a revitalização do lugar, trazendo a Secretaria Municipal de Educação (SMED) e a criação do museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi.

A preservação da Memória Ferroviária, preponderante “cultura do povo de uma região”, deve ser entendida com suas especificidades, importância local e visão de rede cultural. A preservação desse patrimônio, que integra o Patrimônio Industrial Brasileiro e com isso carrega suas peculiaridades, pressupõe conceitos individualizados e coerentes com cada realidade. O Iphan, após passar por algumas mudanças de paradigmas, hoje possui uma nova visão sobre as formas de proteção, e dentro desse contexto, insere-se o Patrimônio Ferroviário. (IPHAN, 2010, p.27)

A escolha do produto final dessa pesquisa será a exibição de fotos e vozes das entrevistadas junto a uma instalação artística usando banners que questionam a ausência das mulheres tanto no Centro de Memória Ferroviária de Cacequi como na história da ferrovia. Objetivando dar visibilidade às mulheres ferroviárias do município e preencher a lacuna no acervo do museu, a exposição teve o intuito de mostrar a importância de contar a história dessas mulheres para a história local recuperando seu protagonismo. Dessa forma, “[...] mais do que trabalhar com os patrimônios consagrados que estão distantes da realidade de muitas pessoas e que acabam não as representando, muito menos sua comunidade, defendemos ações que possam ser realizadas a partir do patrimônio pessoal e da história local”. (Soares; Minuzzi; Maciel, 2011, p.131)

Através da exibição das fotografias, fez-se possível problematizar uma parte da trajetória das trabalhadoras ferroviárias do município até ali. Como era o trabalho feminino? Como eram tratadas e vistas essas trabalhadoras? Elas conseguiam reivindicar seus direitos? Aqui a mediação das educadoras é fundamental.

O professor de História não pode ficar preso apenas a modos de produção e de opressão (embora isso seja fundamental), mas pode e deve mostrar que, graças à cultura que nós, membros da espécie humana, produzimos, temos tido talento para nos vestir mais adequadamente que os ursos, construir casa melhores que o João de barro, combater com mais eficiência que o tigre, embora cada um de nós, seres humanos, tenha vindo ao mundo desprovido de pelos espessos, bicos diligentes ou garras poderosas. (Pinsky; Pinsky, 2010, p.21)

Para Fábio Andrioni (2019, p.178), visitar museus possibilita o contato com outro tempo. Comparar elementos do dia a dia de um tempo passado com os que estão presentes no cotidiano das educandas pode ser uma atividade interessante para fixação de determinados conteúdos. Cabe às educadoras propor atividades críticas que incentivem as

educandas a identificar e problematizar os objetos que estão e os que não estão à mostra, a edificação escolhida para ser o museu/centro de memória, a localização na cidade, etc. Segundo André Luiz Ramos Soares, João Davi Oliveira Minuzzi e Renata Baldin Maciel (2011, p.131), as atividades de Educação Patrimonial direcionadas para os sujeitos têm o propósito de fazê-los crer que o primeiro patrimônio são eles mesmos.

A pesquisadora Liége Barros ratifica:

[...] a importância de criar públicos para museu, seja através da disseminação como parte deste construto, não apenas a propagação do conhecimento, mas a circulação de conhecimento histórico, que Roger Chartier (1990) já evocou esse conceito para mostrar a complexidade dele. Não é somente divulgar conteúdo, mas sim de construir narrativas com os públicos, narrativas reflexivas, que faça sentido para eles, para que ocorra uma re interpretação de e por audiências e não apenas por um grupo seletivo da academia. (Barros, 2022, p.145)

É preciso fomentar práticas pedagógicas inovadoras na educação patrimonial, visitar o museu somente para ver peças é vazio de sentido, assim como ao exibir um filme sem apresentar sua ligação e importância para com a História, a ensinada e/ou a vivida, é incoerente.

A palavra inovadora pode gerar receio, parecendo que como educadoras é preciso inventar várias coisas para “chamar a atenção” das educandas. A proposta aqui é mostrar como com perguntas simples, ou separação de alguns objetos ou fotos podemos ter grande proveito da visita. Andrioni (2019, p.173) assente: “é preciso evitar que eles entendam o museu como um lugar em que aprenderão de maneira passiva, apenas olhando”

Uma exposição pensada nas mulheres que ali trabalharam se torna simbólica para além da memória afetiva. A memória que será construída a partir da reflexão sobre o papel da presença feminina no mundo do trabalho e nas sociedades, alcançará um dos objetivos do museu como instituição cultural.



As mulheres ferroviárias em Cacequi

As entrevistadas e entrevistados sobre as mulheres que trabalharam na Ferrovia no município de Cacequi, RS, foram: Élide Silva Soares, agente de estação aposentada; Gladis Maria Jacques Pizzolato, agente de estação aposentada; Nara Rosane da Silva Fagundes Caminha, agente de estação aposentada; Zenith Aparecida Lopes Silveira e Roseleia Moreira, irmã e sobrinha, respectivamente, da falecida Albacir Silveira Lopes, a tia Bacica (1939-2022), que trabalhou como garçoneiro no vagão restaurante do trem Húngaro; Fabiana Pohlmann e Roberta Pohlmann filhas da falecida Marlene de Fátima Pohlmann (1953-2020) e o amigo e colega de serviço de Marlene, Paulo Shultz; Reginaldo Jacques Coelho, filho da falecida Jupira Jacques Coelho (1951-2016), que também foi agente de estação; e, Ângela Maria Callegaro de Lima, ex-funcionária da Fundação Rede Ferroviária de Seguridade Social, a REFER. Todas essas mulheres atuaram na estação da RFFSA de Cacequi.

Élide Silva Soares

“Ói, já é vem, fumegando, apitando, chamando os que sabem do trem”

O Trem das Sete - Raul Seixas

A entrevista com a Sra. Élide Silva Soares foi feita em sua casa em Cacequi na tarde de 21 de agosto de 2023. Ela me recebeu já com várias fotos, o crachá e alguns documentos do seu tempo de trabalho. Nascida no dia 19 de outubro de 1949, em Santana do Livramento, veio para Cacequi aos nove anos de idade, quando seu pai, maquinista da Rede Ferroviária, foi transferido para o município. Chegou a estudar na escola Fernão Dias, que funcionava no térreo do prédio do Clube Grêmio Ferroviário Apolo, até os 12 anos de idade.

Dona Élide rememora que sua ligação com a ferrovia – anterior ao trabalho – não se limitava apenas ao pai ou a sua primeira escola em Cacequi. Quando estudava na Escola Nossa Senhora das Graças, já adolescente, descia a rua Bento Gonçalves para passar no túnel (hoje fechado) que ficava embaixo da atual rua Borges de Medeiros, e que ligava a rua da Rodoviária com a plataforma da Estação Ferroviária. Atraída pela movimentação intensa de

pessoas, ouvindo a "rádio-falante" e para visitar a banca de revistas, na qual comprava revistas com posters de artistas como a *Contigo* e *Sétimo Céu*.

Figura 6. Dona Élide Silva Soares em sua casa no dia da entrevista



Fonte: acervo da autora

Élide Silva Soares atuou, na juventude, como professora de séries iniciais de Cacequi durante cinco anos até passar no concurso como agente de estação. Ela se lembra que a prova foi realizada no Clube Grêmio Ferroviário Apolo. Na época, estava lecionando em uma escola rural de São Lourenço, distrito de Cacequi, e foi avisada pelo irmão da dona da casa que alugava que havia passado na prova e que logo tinha que se apresentar em Porto Alegre. Lembra-se da "correria" que foi para arrumar tudo. Pediu demissão da prefeitura e, na mesma noite, embarcou para a capital para fazer os exames admissionais. Como funcionária da ferrovia, trabalhou na rede ferroviária de 14 de agosto de 1974 a 24 de julho de 1995.

Quando foi admitida em agosto, seu pai já havia se aposentado. Seu irmão Jorge, conhecido pelo apelido de Bateria, também foi ferroviário e se aposentou do serviço.

O treinamento para o trabalho era feito, à época, no município de Santa Maria (a 118 km ao Sul de Cacequi, 290 km a oeste da capital Porto Alegre) e, juntamente com outras agentes, dali já seria encaminhada para seu posto de trabalho. Dona Élide se recorda do receio sobre qual seria o local escolhido para elas, pois alguns locais eram estações pequenas ao longo da linha férrea, algumas até sem vizinhos. Conta que algumas colegas foram em dupla e quem "fazia a chave" (troca de linha da composição) para elas de madrugada eram os maquinistas.

Conforme a entrevistada, para sua sorte, ela foi designada para a estação de Dilermando de Aguiar (local que, na época, era distrito de Santa Maria)⁵, onde ficou menos de seis meses junto com duas colegas, para treinamento na bilheteria e licenciamento. Continuou na bilheteria, e quando vieram para Cacequi continuou na bilheteria enquanto suas colegas foram para o armazém de cargas e para o licenciamento. No entanto, somente em seus últimos anos de serviço é que Dona Élide foi para o licenciamento de trens. Na maior parte do tempo de sua jornada na Ferrovia, ela foi responsável pela bilheteria. Nos anos finais de trabalho, a Rede Ferroviária já se encontrava em processo de privatização.

Dona Élide se recorda que havia muito movimento aos domingos, por conta dos estudantes que viam e iam para Santa Maria⁶. Na bilheteria, eram dois guichês: o dos bilhetes e o do passe livre, esse era para os ferroviários e suas famílias.

Perguntada sobre o nome das colegas, Dona Élide se lembra com saudosismo de Maria Ivone Santana, Glades Pizzolato, Elaine Pinheiro, Jupira Jacques e Nara Caminha, pois todas entraram na empresa mais ou menos na mesma época. Ela também comenta que nunca teve uma chefia feminina, todos seus superiores foram homens. Em Dilermando de Aguiar foi Alberi de Rosa e, em Cacequi, Gentil Pizzolato (irmão de Aristides Pizzolato), Roni Cunha, Leonardo Brasiliense, entre outros. A única mulher em cargo de chefia de que se lembra foi

⁵ Dilermando de Aguiar foi elevada à município em 1995.

⁶ O município de Santa Maria, no centro do estado do Rio Grande do Sul é, desde a década de 1960, um polo educacional regional. Contando com inúmeras escolas, internatos, seminários e, nas décadas finais do século XX, com pelo menos duas instituições de ensino superior, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Faculdade Imaculada Conceição (que juntamente com a FACEM – Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira – veio a se tornar o Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – e, atualmente, a Universidade Franciscana – UFN).

Marlene Polman, porém, esta atuava em outro setor. A entrevistada conclui que, de todo o tempo em que trabalhou em Cacequi, somente sete mulheres estiveram ativas no serviço.

Sobre o início de sua atuação na ferrovia, Dona Élide recorda que foi uma novidade quando ela e suas colegas começaram a trabalhar. Na década de 1970, no interior do RS, era a primeira vez que mulheres estavam nas bilheterias dos trens. Inclusive, as pessoas tinham muita curiosidade em vê-las e foi uma mudança bem aceita por passageiras e passageiros da época. Dona Élide afirma que conheceu muitas pessoas e fez boas amizades com usuárias e passageiras e sempre foi respeitada atuando nos guichês. Ela comenta que muitas mulheres vinham conversar com elas, com as funcionárias em seus guichês.

Como tinham muitas moedas de quebra de caixa, que é a diferença entre o valor esperado e o valor encontrado ao final do turno, geralmente as empresas repassam o valor que “sobra” para as operadoras de caixa, ela repassava para as crianças que viajavam, por vezes vendo que vinham de longe e estavam com fome. Até a passagem de segunda classe ela doou para essas famílias necessitadas com a quebra de caixa que devia ficar para ela.

Participou um ano, não se recorda qual, da Ferriade, encontro anual de trabalhadores ferroviários com jogos, semelhante ao Enespref, encontro de servidores de prefeituras, onde os funcionários competem em diversas modalidades esportivas. Foi a única viagem que realizou com as colegas de trabalho.

Figura 7- Lembrança da Ferriade



Fonte: acervo de Élide Soares

Casou em 22 de setembro de 1984, teve o primeiro filho Anrry em 1985 e Taíza em 1989. Usufruiu da licença maternidade em seus dois puerpérios e lembra do retorno difícil, pois às vezes tinha que deixar as crianças pequenas com pessoas não muito conhecidas já que não existiam creches na época.

A jornada de trabalho era de oito horas e o salário era o mesmo para homens e mulheres exercendo a mesma função. No decorrer do expediente atendia os trens da manhã para Bagé, Uruguaiana e Santana do Livramento, que saíam às 9h; ela fazia o mapa das passagens que entravam e, após, ficava no escritório até às 11h30, saindo para o intervalo, que terminava às 16h, quando retornava para atender o trem noturno Porto Alegre-Uruguaiana e Uruguaiana-Porto Alegre, que saía entre às 20h30 e 21h, pois geralmente estava atrasado, principalmente o que vinha de Uruguaiana.

Não se fazia, na época, o uso de uniformes de trabalho. Ainda assim, Dona Élide se lembra de que em um ano, não recorda qual, mandaram confeccionar um uniforme azul-marinho para que desfilasse no dia de 7 de setembro a convite da Prefeitura Municipal. Porém, possuíam um crachá, o qual ela guarda até hoje.

Figura 8: Crachá de serviço de Élide Silva Soares



Fonte: acervo da autora

“Ai, a minha mãe tinha um medo, né? Porque ela dizia, ai, eu prefiro que tu seja professora do que entrar na Rede. Não sei por que ela tinha medo, de certo de ser mandada para longe”. (Trecho da entrevista de Élide Silva Soares). Rememora Élide lembrando do sentimento da mãe, que se preocupava com uma possível mudança.

Ao final da entrevista, Élide confidencia que se apegou à canção “Trem das Sete”, de Raul Seixas, pois quando trabalhava em Dilermando de Aguiar, o trem chegava às 19 horas.

Gladis Pizzolato

*Lá fora a noite escura é o
labirinto Eu sinto pela dança errante
do trem Sou viajante de um caminho
extinto Como uma ave presa à falta de
alguém*

Vitor Ramil

A entrevista com a Sra. Gladis Maria Jacques Pizzolato aconteceu em sua residência, onde mora com a mãe e uma irmã, e também onde nasceu, no dia 5 de novembro de 1953. A entrevistada já aguardava com alguns documentos de sua trajetória pela Rede Ferroviária e que havia selecionado para mostrar. Filha do ferroviário Eça de Machado Pizzolatto e sobrinha de Aristides Pizzolatto, Dona Gládis não se casou, nem teve filhos. Ela ingressou na rede como funcionária, em 4 de novembro de 1974, um dia antes de seu aniversário. Permaneceu como ferroviária até o ano de 1996, quando se desligou da empresa, após aderir ao Plano de Incentivo à Demissão.

Figura 9: Dona Gladis Pizzolato em sua casa no dia da entrevista



Fonte: Acervo Autora

Até 1974, Dona Gládis trabalhava como professora na zona rural de Cacequi, e, em uma reunião da prefeitura com os professores do município, sentou-se atrás da Dona Élide, a quem ela ainda não conhecia, e ouviu falar do concurso que ia ocorrer para trabalhar na viação férrea. Depois que saiu da reunião, dona Gládis conta que “deu um estalo” e se dirigiu para a estação da gare. Chegando lá, o senhor que estava trabalhando perguntou se era professora, porque tinha preferência. “Tudo me ajudou sabe?”, conta ela. Então, ele lhe entregou uma ficha e ela já deixou os documentos com ele.

Depois dos cursos em Porto Alegre e Santa Maria, Dona Gládis foi escalada para trabalhar no município de Pinheiro Machado (município à 354 km ao Sul da capital Porto

Alegre), na localidade de Serra do Veleda, junto com outra colega. Em seguida, foi transferida para o município de Rio Grande (município à 320 km ao Sul de Porto Alegre) e a colega para Bagé (que dista 377 km à SO da capital). Dona Gládis demorou um pouco para voltar para Cacequi, seu interesse em retornar para a cidade estava no fato de que sua mãe residia no município.

Recorda das dificuldades do começo da profissão: “Eu digo, olha, não é fácil, mas passou. Quando nós fomos lá para aquela estaçãozinha, essa que mandaram, a minha mãe e a mãe da Cleusa disseram assim, não, nós vamos junto para falar com a mulher do agente para elas morarem na estação, ficar num quarto, lá numa coisa”. Junto das mães, uma amiga que estava de férias também as acompanhou nessa primeira viagem. “Nós chegamos lá, quando nós descemos do trem, foi uma escuridão, tinha duas casinhas, não tinha estação, o lugar que nós ficamos eram só as casinhas”, conta Gladis.

Ficaram em torno de duas semanas nessa localidade, e Gladis fala da vontade de desistir, pois sem luz elétrica tinha que ir dar licença para o trem, “Queria desistir. Ai, horrível. Trabalhadora. E ainda bem que as mães atinaram a ir junto. Porque daí tinha um senhor lá que estava para ensinar o serviço da nova. Ele estava na outra casinha. Onde estavam os aparelhos, os telefones, mas é isso, passamos, né?”

Havia duas fazendas vizinhas que as presentearam com paleta de ovelha e outras carnes que elas não sabiam assar, então elas presenteavam os que passavam porque não tinham geladeira. “Foi incrível a história que a gente passou, que a gente viveu”, diz a ex-agente ferroviária.

O trabalho de Dona Gládis era no armazém, no despacho de mercadorias no município de Rio Grande, preenchendo as notas; junto com ela havia outro ferroviário que calculava os valores. Ficou quase dois anos em Rio Grande esperando uma vaga em Cacequi até conseguir. Por vezes ainda pensa com orgulho como conseguia trabalhar no licenciamento, “é um trem que tá chegando. Que Deus o livre, né? É muito perigoso, mas não, sempre tirei de letra”.

Quando voltou a trabalhar em Cacequi, o colega com quem dividia a atividade, apenas lhe pedia para ela despachar as mercadorias para “esse ou aquele” lugar, e ela não sabia como proceder. Então, um outro colega a avisou: “não diz que tu não sabe”, e ele

passou a ajudá-la a fazer. Ela se lembra que teve muitas pessoas boas auxiliando em sua trajetória dentro da rede.

Sobre os cargos de chefia todos eram homens, lembra da dona Marlene Pohlmann que trabalhava na via permanente, era secretária dos engenheiros.

Recorda de uma ocasião em que um rapaz procurava por uma moto, e que ficaram alguns dias procurando a moto nos papéis e não encontravam, “e nós tínhamos pilhas de coisas pra entregar, e não é que dizia assim no papel: Vespa, nunca imaginei o quê fosse vespa. E tinha que cobrar a armazenagem, ficou, acho que mais de uma semana, até que ele foi lá e disse que estava lá, daí fomos olhar na nota e era a Vespa”.

De algum acidente, lembra de um que estava chegando às 6h para trabalhar e um funcionário tinha feito a chave (troca de linha da composição), e outro funcionário sem saber fez de novo, e na hora de trocar de trilho a máquina prensou as pernas do trabalhador Eleú Almeida, que faleceu devido ao acidente. Ele era bem conhecido, todos gostavam muito dele e de sua esposa, foi bem impactante essa perda na cidade.

Perguntada sobre como as outras mulheres as viam trabalhando em um ambiente majoritariamente masculino ela responde: “eles ficam mesmo que ter os irmãos, ninguém imagina, como é diferente a gente trabalhar com, assim, o sexo masculino, porque eles não têm aquela concorrência, até da roupa, sabe?”

Quando tinha folgas gostava muito de ir para a praia, e lembra de uma ocasião em que estavam de greve e pediu uns dias de folga para ir para a praia e, quando estava perto de Sombrio (SC), telefonaram que a greve tinha acabado e era para ela retornar, não sabiam que ela estava de folga.

Questionada sobre as greves, lembra que eram recorrentes e que participou de algumas, pois fechava tudo, os grevistas não deixavam os colegas que não aderiram à greve entrar na gare da estação para trabalhar. E em uma determinada greve ouviram rumores que se não voltassem teriam que pagar multa então foi à casa da Élide e decidiram voltar ao trabalho e todos também retornaram.

Foi sócia do Clube Grêmio Ferroviário Apollo e, mesmo sendo mais caseira, frequentava os bailes de carnaval e as competições de jogos de pingue-pongue no Bolãozinho, clube contíguo ao Apollo, que era o que gostava.

Lembra de uma vez em que “pulou o vagão” (pular o engate entre os vagões enquanto a composição está parada) pois tinha saído da Estação e estava muito frio, vestia um casacão e por isso pulou com as mãos erguidas e caiu. Alguns “tucos” (como eram conhecidos os trabalhadores responsáveis pela manutenção e conservação da linha férrea) estavam trabalhando e a ajudaram a se levantar.

Quando a implementação dos computadores começou na Rede Gladis foi a Porto Alegre para um treinamento de 15 dias, e em seu retorno precisava treinar os colegas de Cacequi. Além disso, auxiliava nas estações das localidades em que não havia computador “Não tinha computador, tu tinha que fazer o serviço deles. Entendeu? Como se tu estivesse na estação deles lá. E Uruguaiana, quando a Uruguaiana saía do ar, lá, tinha disso, né? [...] Eles passavam todos os boletins, olha o carregamento de Uruguaiana, e tu tem que digitar tudo”. “Inclusive, uma vez, não sei se foi de brincadeiras lá, claro, tu pega uma regra e tu vai só digitando, fazendo tudo. E eles colocaram, que eu tinha carregado um vagão de arroz num container, numa plataforma. Eu tinha carregado arroz. Claro, mas fizeram de brincadeira. Claro, e tu vai fazendo tudo de jeito, não vai estar memorizando tudo que tu está fazendo, Mas é isso, o serviço da rede”.

Figura 10: Declaração de opção pelo Regime de Regulamento de Fundo de Garantia por tempo de Serviço

10-41

R.F.F.S.A. — S.R.S.

DECLARAÇÃO DE OPÇÃO

Eu, **GLADIS MARIA JACQUES PIZZOLATO**
(nome por extenso)
Auxiliar de Estação portador da Carteira Profissional nº **20775**
(cargo) (matr.)
 Série **298**, empregado da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (Sistema Regional Sul - 13ª Divisão - RGS), declaro para todos os fins que, nesta data, exerço a OPÇÃO pelo Regime do Regulamento do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço, aprovado pelo Decreto nº 59.820, de 20/12/1966, alterado pelo Decreto nº 61.405, de 28/9/1967.

Santa Maria, 4 de **novembro** de 19. **74**
(local e data)

Impressão Digital
(se o empregado for analfabeto)

Gladis Maria Jacques Pizzolato
(assinatura do empregado)

Assinatura a rôgo
(se o empregado for analfabeto)

TESTEMUNHAS

1ª *Clair Santana*

2ª *Nara Isabel de Albuquerque*

Recebido em **Santa Maria, 04** de **novembro**

..... de **1974**

[Assinatura]

* R. F. F. S. A. - S. R. S. - 13ª Divisão - RGS

ST-1

Cargo em Comissão ou Função Gratificada

Esta declaração, em 4 vias, destina-se:
 Ao DPP
 Ao DPF
 Ao DP (origem)
 Ao OPTANTE (como comprovante da opção)
 IX-45 4339 6/74 5000 IMP.

* A ser assinado por um dos titulares enumerados na Carta-Circular nº64.de1964.

Fonte: Acervo da autora

Recorda que perto de seu desligamento eram feitas escalas de 6 horas, das 06h às 12h, das 12h às 18h, das 18h às 00h e das 00h às 6h. Geralmente revezava com a Nara Caminha e com a Ana, essa não se lembra do sobrenome.

Nara Rosane da Silva Fagundes Caminha

Sentado à beira dos trilhos O velho andarilho se põe a pensar, Lembra o tempo passado... Quanto foi feliz naquele lugar!

Para entrevistar Nara Rosane da Silva Fagundes Caminha foi necessário recorrer à tecnologia. Por aplicativo de mensagens instantâneas, o Whatsapp, foram enviadas as perguntas e conforme as mensagens e fotos começaram a chegar o diálogo fluiu um pouco mais.

Nascida dia 08 de outubro de 1956 em Cacequi, hoje, moradora da capital, casada e mãe de quatro filhas, foi de Cacequi para Porto Alegre grávida da filha mais nova. Exerceu a função de agente de estação entre 23 de abril de 1976, ingressando com 18 anos, a 22 de outubro de 2000.

Figura 11 - Nara Carminha



Fonte: Arquivo pessoal de Nara Caminha

O pai era fiscal de trem e morou com a família no recinto ferroviário de Cacequi. No bairro conheceu o marido Roberto, filho de Manoel Caminha, também ferroviário e mestre de obras. Entrou na RFFSA por concurso público e saiu quando foi demitida após retornar de laudo por problemas cardíacos. Como já tinha completado o tempo para aposentadoria deu entrada no pedido.

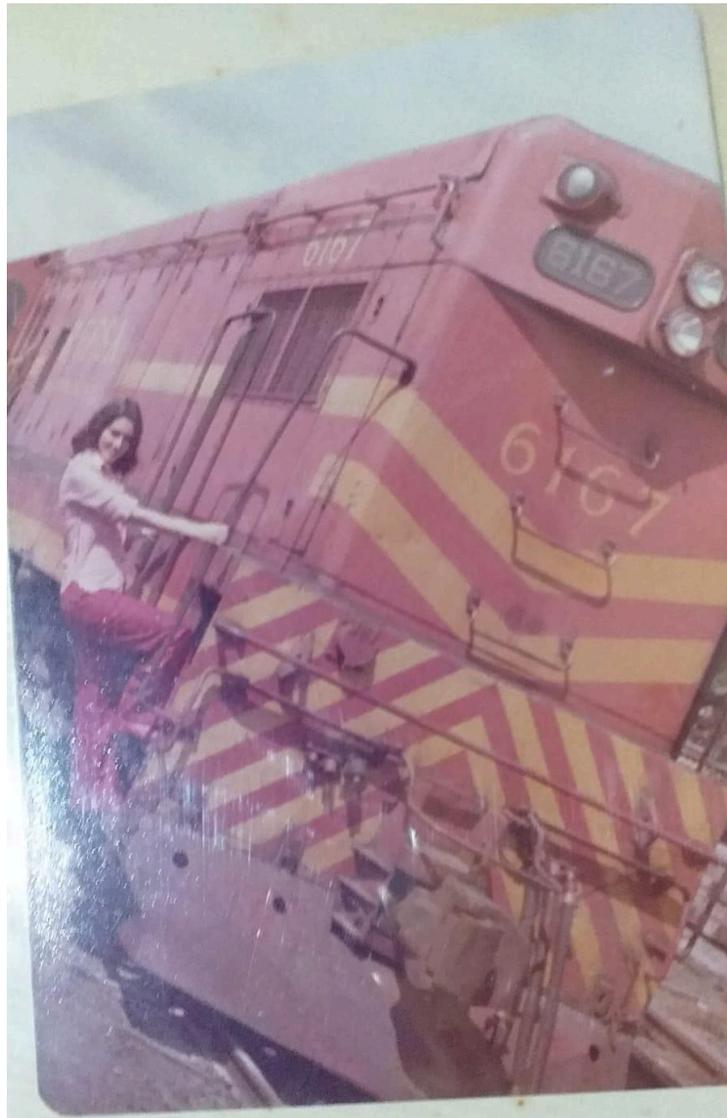
Figura 12- Crachá de serviço de Nara Caminha



Fonte: Arquivo pessoal de Nara Caminha

No começo fez treinamentos em Santa Maria e foi enviada para assumir o cargo em Alegrete, recorda que lá trabalhou em um acidente de trem com passageiros. Em 1978 foi transferida para Cacequi onde ficou até a aposentadoria.

Figura 13. Nara Caminha



Fonte: Arquivo pessoal de Nara Caminha

Sobre trabalhar com a maioria dos colegas homens, diz que foi muito bom e que todos foram muito respeitadores e era sempre atendida às ordens que tinha que demandar. Recorda que em sua época ainda eram poucas as ferroviárias, mas que foram bem recebidas pelos colegas com empatia e que ajudaram e ensinaram o serviço. Lembra somente de uma greve onde foram muito unidos.

Lamenta ter perdido muitas fotos com a mudança para Porto Alegre. Frequentava o clube Grêmio Ferroviário Apollo sendo candidata a rainha do carnaval.

Ainda guarda a passagem do trem húngaro e do trem comum e a passagem de sua lua de mel quando casou em 09 de dezembro de 1978. Foi a colega Élide que trabalhava na bilheteria que atendeu aos noivos.

Figura 13- Passagens do Tem Húngaro



Fonte: Arquivo pessoal de Nara Caminha

Bacica por Zenith Aparecida Lopes Silveira

*Meu povo
levanta O amor está
aqui. Nas trovas
campeiras E no apito
do trem.
No peito a certeza que o meu Cacequi
É semente de
vida E de sonhos
também! Vilmar Vila de
Menezes*

A entrevista da senhora Zenith Aparecida Lopes Silveira, irmã da falecida Albacir Silveira Lopes, a tia Bacica, aconteceu em sua casa acompanhada da filha Roseleia Moreira, em novembro de 2023. Tia Bacica nasceu em 10 de janeiro de 1968, era gêmea de Alba Silveira Lopes, que faleceu com 5 anos de idade, tinha outros dez irmãos e mudou-se cedo de Cacequi.

Figura 15.- Zenith Silveira



Fonte: Foto durante a entrevista, arquivo da autora.

A ferromoça mais famosa de Cacequi, trabalhou no carro-buffet, mais conhecido como vagão restaurante, como garçoneiro. Costumava contar de seu primeiro dia de trabalho quando a locomotiva freou e ela deixou cair a bandeja com as garrafas de cerveja no chão e achou que seria despedida, já que era contratada por uma empresa terceirizada.

Falecida em 07 de abril de 2022 aos 83 anos, teve vários trabalhos, incluindo frentista de posto de gasolina. A aposentadoria foi como técnica em enfermagem, trabalhando no posto de saúde do bairro em que residia pela prefeitura de Cacequi, mas o emprego que mais gostou foi nos trens. “Ela adorava (trabalhar no Húngaro). E ficou na

minha lembrança ela de uma bolsa vermelha, um sapato vermelho, toda chique, porque ela era muito vaidosa. E ficou na minha memória de criança aquela tia na estação. E nós lá pra ver ela.” Conta a sobrinha Roseleia.

Figura 16- Albacir Silveira Lopes



Fonte: Arquivo pessoal Zenith Silveira

A irmã e a sobrinha lembram que Bacica tinha amizade com todos os ferroviários e que quando precisava viajar de trem não ia na parte dos passageiros, viajava no carro de bagagens com os amigos.

Elas não lembram quanto tempo ela trabalhou, mas foram muitos anos. Como a empresa ficava na estação em Porto Alegre e ela trabalhava na linha de Porto Alegre a Uruguaiana e Uruguaiana a Porto Alegre residia em Porto Alegre passando às 00h00 ou 02h da madrugada em Cacequi. Depois morou em Alegrete.

Dona Albacir contava que ela e as colegas chegavam em Uruguaiana e depois de se hospedarem no hotel, saíam passear pela cidade.

“Porque assim, foi festeira, né? Isso aí, todo mundo sabe que ela era. É o que eu digo é que essa aproveitou a vida. Porque ela era festeira. Fazia muita amizade, né?” lembra a irmã Zenith.

Roseleia conta: “Gostava muito de vermelho e sempre de salto, deixou de usar porque quebrou a bacia por conta da osteoporose. Estava dançando quando quebrou”.

Nunca casou, quando moça a família não aceitou seu namoro com um homem divorciado, também ferroviário. Dona Zenith conta que “Foi a paixão da vida dela, depois eles namoraram, mas como não podia casar naquela época, eles se separaram e ele se juntou com uma mulher que era separada já também”

Depois ela morou junto com o companheiro Francisco em Cacequi, depois se separaram e ela não quis mais morar com ninguém. Não teve filhos por ser estéril, mas dizia que não queria ser mãe.

“Nem todo mundo é amigo Bacica!” Era a frase que a irmã falava quando ela defendia os amigos. Foi bem atuante no Piquete União Gaúcha, sendo prenda, e na Escola de Samba Acadêmicos da Montanha também sendo uma das fundadoras, depois de desentendimentos com outros integrantes se afastou. Dona Zenith lembra com tristeza que ninguém a visitava quando ficou doente.

Com o diagnóstico de edema pulmonar, precisou usar oxigênio. Só depois disso parou de sair, mesmo depois de ter quebrado o fêmur continuou indo aos bailes.

Durante as pesquisas o site Medium, uma plataforma de textos, surgiu com um pouco da história de Albacir⁷. O texto é de autoria de Vitor R de Almeida, não foi possível o contato em um primeiro momento, porém quase ao fim desse trabalho o contato foi realizado e Vitor enviou mais um vídeo “Cacequi, RS - História e Memória”⁸, onde pode-se ouvir a voz de Albacir, além de outros entrevistados. Esse vídeo faz parte de seu trabalho de conclusão de curso no bacharelado em Jornalismo, intitulado “História de Cacequi: Percurso Teórico-Prático para um Jornalismo de Memória”.

Marlene de Fátima Pohlmann

“A vida são paralelas, tais quais aos trilhos de trem.

Um movimento constante”

Pare, olhe, escute - Galvão Fialho

Dona Marlene de Fátima Pohlmann, a única das mulheres pesquisadas que exerceu cargo de chefia, nasceu em 25 de fevereiro de 1953 em Santa Maria e faleceu em 19 de setembro de 2020.

⁷ Memórias de Cacequi: “Bacica, essa mulher” <https://medium.com/@torvitortor/mem%C3%B3rias-de-cacequi-bacica-essa-mulher-8b5fd71b0209>, texto de Vitor R de Almeida. Acesso em: 03/03/2022

⁸ Cacequi, RS - História e Memória. Vitor R. De Almeida. Youtube. 12 dez 2018. 3:24 min. <https://www.youtube.com/watch?v=aYHlfrRaAn0> Acesso em: 08/03/2025

Figura 17 - Marlene Pohlmann



Fonte: arquivo pessoal de Fabiana Pohlmann

Para contar sua história na RFFSA, o amigo e colega Paulo Shultz e as filhas Fabiana Pohlmann e Roberta Pohlmann foram entrevistadas. Entrou na Rede Ferroviária Federal em 1980 quando a filha mais velha Fabiana tinha 2 anos. Trabalhou a princípio no quilômetro 3, nas oficinas em Santa Maria. Depois foi para São Gabriel onde ficou mais ou menos 1 ano, retornando em seguida para Santa Maria. Chegou em Cacequi em 1984 para o cargo de secretária do engenheiro.

Trabalhava na residência do engenheiro. Depois de um tempo, Fabiana não recorda quanto, ela voltou para Santa Maria e o engenheiro pediu que ela voltasse para Cacequi, assim fixando residência no município.

Figura 18. Marlene na Estação Férrea



Fonte: Arquivo pessoal de Fabiana Pohlmann

Figura 19- Churrasco na oficina da via



Fonte: acervo de Fabiana Pohlmann

Conhecida por ser “pulso firme”, todos os colegas a respeitavam muito e atendiam seus pedidos.

Para realizar seu sonho de ter uma loja de artigos religiosos ela pediu desligamento da RFFSA em 1994, aproveitando o Plano de Incentivo à Demissão, segundo Fabiana ela já estava cansada e estressada pois a rede já estava em processo de privatização e havia muitas demandas e pressão por parte da chefia. A loja “Rosa dos Ventos” segue em funcionamento, gerenciada pela filha mais nova Roberta. Dona Marlene era de religião de matriz africana e frequentava o terreiro do Seu Obaldo, esposo da amiga e colega Jupira.

Figura 20. Marlene Pohlmann e Jupira Coelho



Fonte: Acervo Fabiana Pohlmann

Jupira Jacques Coelho

*O tempo passou e tudo foi
mudando... Hoje de trem ninguém mais
quer viajar! Não mais conhecem o
prazer de poder As paisagens que
passam, contemplar!*

Fatinha Mussato

Jupira Jacques Coelho, nascida em 06 de julho de 1951 e falecida em 28 de dezembro de 2016, foi agente de estação. Única mulher negra entre as ferroviárias que se tornaram objeto desse estudo. Casada com seu Obaldo, conhecido alfaiate da cidade, teve dois filhos e criou mais três do primeiro casamento do marido.

Figura 21- Jupira Coelho.



Fonte: Arquivo pessoal Reginaldo Coelho

A entrevista foi concedida por Reginaldo Jacques Coelho, filho mais velho do casal, via aplicativo de mensagens whatsapp. O filho lembra pouco das histórias de trabalho da mãe, mas encontrou um material riquíssimo nos documentos da mãe: o contrato de trabalho com RFFSA, além de diversos diplomas de treinamentos e cursos, passagem gratuita de férias e apostila do curso “Auxiliar de Agente Especial de Estação” .

Figura 22- Os filhos Reginaldo e Reinaldo no aniversário de 60 anos de sua mãe Jupira Coelho



Fonte: Arquivo pessoal Reginaldo Coelho

Na apostila do curso “Auxiliar de Agente Especial de Estação” que começa pela página 45 até 70, as instruções falam sobre a circulação de trens, terminando com um mapa esquemático das linhas férreas. Possivelmente seja um capítulo ou encarte de alguma apostila mais completa do curso todo. Uma folha solta no meio dessa apostila, que parece ser uma cópia, a página 40, também de circulação de trens, traz os significados da Formação de Prefixos de Trens na SR-6. Presumivelmente se encontrava ali para consultas.

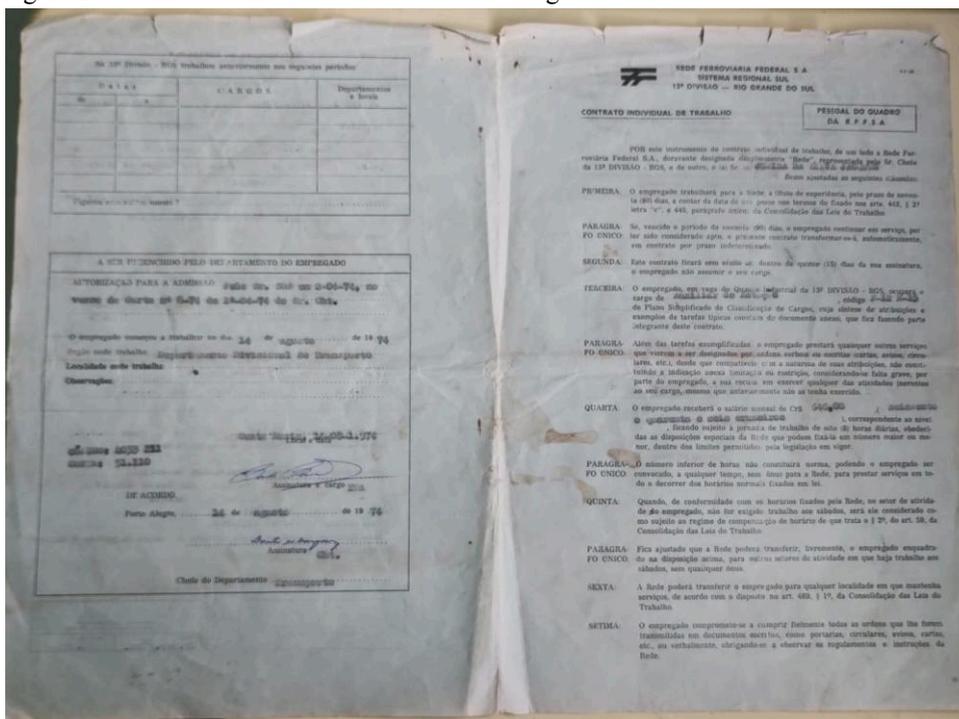
Figura 23 - Folha com Formação de Prefixos de Trens na SR-6

MANOBRA		40
CIRCULAÇÃO DE TRENS FORMAÇÃO DE PREFIXOS DE TRENS NA SR-6		
RESUMO		
1ª LETRA - CATEGORIA DO TREM		
D - Direto R - Rápido M - Misto K - Carga Geral - Preferencial C - Carga Geral Não Preferencial O - Adubo G - Animais L - Calcário Q - Carvão J - Cereais Y - Cimento, clínquer P - Derivados de Petróleo F - Produtos Siderúrgicos	E - Administração, Oficial, Militar de Passageiros, Militar Misto, Militar de Carga, Passageiro Turismo, Outros W - Socorro, Via Permanente, Eletrotécnica, Capina Química, Auto de Linha, Trolei Motorizado (TRM), Locomotiva(s) Escoteira(s), Carros de Passageiros Vazios, Trem para Manobras em Desvios, Outros.	
<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; margin: 0 auto;"></div>	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; margin: 0 auto;"></div>	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; margin: 0 auto;"></div>
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> 2ª LETRA - REGIÃO DE FORMAÇÃO P - 1º Dist. - P. Alegre S - 2º Dist. - S. Maria C - 3º Dist. - C. Alta R - 4º Dist. - R. Grande </div>		<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> 2ª DEZENA - DATA DA SAÍDA 01 e 02 para o 1º dia, até 61 e 62 para o dia 31, e ainda será ímpar no sentido do crescente e par no sentido decrescente da quilométragem </div>
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> 3ª LETRA - LINHA DE DESTINO A - Porto Alegre a Uruguaiiana B - Uruguaiiana - Passo de Los Libres C - Cacequi - Rio Grande D - São Sebastião - Dom Pedrito E - Pelotas - Monte Bonito F - Ramal Pelotas Fluvial G - Rio Grande - Molhes H - Ramal Quarta Seção da Barra I - Entroncamento - Livramento J - Ramal Industrial K - Tronco Sul (Gen. Luz - Lages) L - Ramal Corvo - Estrela M - Jaboticaba - Caxias do Sul N - Roca Sales - Passo Fundo P - D. de Aguiar - São Borja Q - São Borja - Itaqui R - S. Maria - M. Ramos S - Cruz Alta - S. Rosa T - Santiago - S. Angelo </div>		<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> 1ª DEZENA - Condições de formação/ordem 01 a 69 - Trens Regulares 70 a 79 - Trens Facultativos 80 a 89 - Trens Extraordinários 90 a 99 - Trens Interventientes em mais de uma Regional 01 a 09 - Administração 10 a 19 - Oficial 20 a 39 - Militar de Passageiros 40 a 59 - Militar de Carga 60 a 79 - Militar Misto 80 a 89 - Passageiro Turístico 90 a 99 - Outros Trens 01 a 05 - Socorro 06 a 19 - Via Permanente 20 a 29 - Eletrotécnica 30 a 35 - Capina Química 36 a 45 - Auto de Linha 46 a 55 - Trolei (TRM) 56 a 65 - Locomotiva(s) Escoteira(s) 70 a 75 - Composição de Carros de Passageiros vazios 76 a 85 - Trem p/Manobras em Desvios 90 a 99 - Outros Trens </div>

Fonte: Acervo da Autora

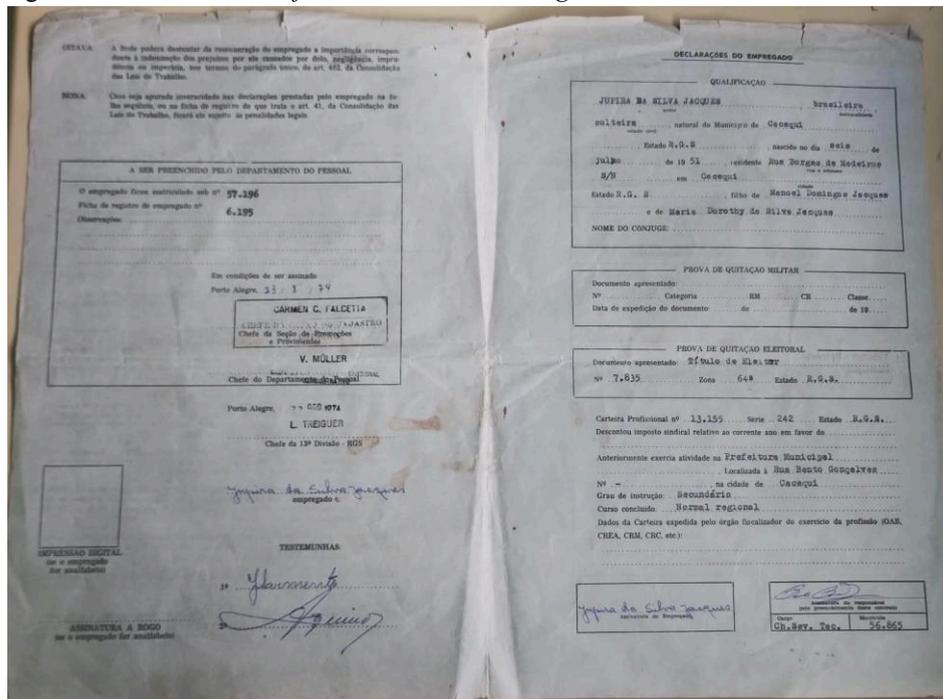
Do contrato de trabalho original, constam duas datas de assinaturas, em 14 de agosto de 1974, pelo Departamento do Empregado, e dia 23 de agosto de 1974, pelo Departamento Pessoal. Verifica-se que o período de experiência teve o prazo de noventa dias e o salário mensal era de seiscentos e quarenta e seis cruzeiros, Cr\$ 646,00.

Figura 24- Contrato com a folha na data de 14 de agosto de 1974



Fonte: Acervo da Autora

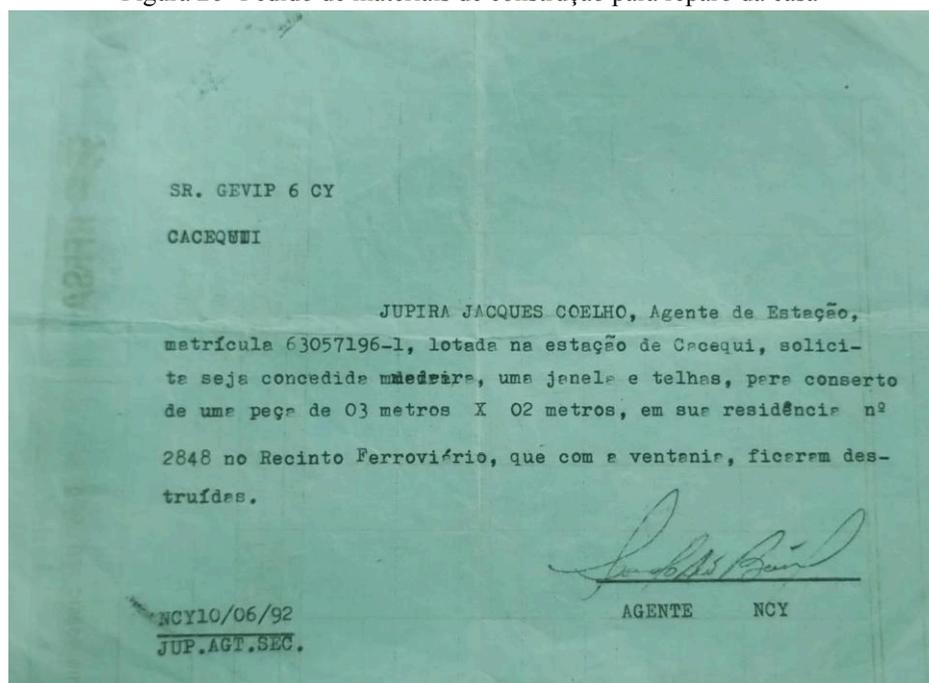
Figura 25- Contrato com a folha na data de 23 de agosto de 1974



Fonte: Acervo da Autora

Entre os documentos há um pedido de madeira, uma janela e telhas, para o conserto de um cômodo da residência nº 2848 no Recinto Ferroviário, após uma ventania, onde Jupira e sua família residiam.

Figura 26- Pedido de materiais de construção para reparo da casa



Fonte: Acervo da autora.

Os certificados de treinamentos, dezesseis no total, apresentam datas dos anos de 1974 a 1991, sendo o primeiro de “Serviços Auxiliares de Estação” e o último “Aplicação do Plano de Contas”, entre eles o treinamento “Regulamento Geral de Operações”, realizado por correspondência no ano de 1987. Além desses, há uma declaração do Setor de Desenvolvimento e Treinamento de RH, datado de 29 de novembro de 1996, listando os vinte treinamentos realizados a partir de 1985.

Alguns documentos da pasta de Jupira foram selecionados para serem expostos na pasta que faz parte da exposição.

Angela Maria Callegaro de Lima

E aquele trem infernal, que carregou meu amor;

*Um dia chegou, contando mensagens lindas de
alguém, Que logo no outro dia, voltou de fé renascida*

...

E eu vi, que além das partidas, existe a volta do trem!

Bianca Bergmam

Angela Maria Callegaro de Lima, nascida em 25 de novembro de 1963, em Cacequi, trabalhou na Fundação Rede Ferroviária de Seguridade Social, a REFER, foi representante da REFER na área de assistência, auxílio doença, suplementação de aposentadoria e empréstimos consignados.

Figura 27 - Angela Lima



Arquivo Pessoal Angela Lima

Sua admissão foi em janeiro de 1986 e sua demissão em dezembro de 1996, quando a RFFSA já estava em processo de privatização e só ficaram os representantes das capitais na área de demissão ou aposentadoria.

“Foi uma fase bem importante da minha vida, me ajudou muito, o salário era bom, o serviço era bom, os colegas também”, diz Angela.

Sobre o trabalho em um ambiente majoritariamente masculino conta que nunca teve problemas, que todos eram muito respeitosos e solícitos. Dos fatos que a marcaram, ela recorda do trabalho árduo em condições de extremo calor ou frio.

“[...] era um verão um sol escaldante e eu ia de auto de linha até os (municípios) da minha região (que) era de Cacequi, Rosário, Livramento a Alegrete e Uruguaiana e eu ia fazer essas visitas, eu ia na maioria das vezes de auto de linha porque eu visitava tipo Santa Rita ali entre entre o Rosário e Livramento, né? E também Passo Novo, esses lugares assim, então pra conseguir falar com o pessoal né? Que eram os artífices, a gente chamava de tucos, né? E eu tinha que ir de auto de linha porque eles iam trabalhar de manhã nos trilhos né? Arrumando os trilhos e eu fiquei apavorada que era um calor, um sol que tu olhava pros trilhos e chegavam a tremer e as criaturas trabalhando com aqueles uniformes laranja num sol horroroso [...] Iam de manhã até meio dia e aí meio dia eles paravam e tinha uns barracão que eles sentavam naquele sol dentro daqueles barracão pra comer e descansar um pouquinho pra de tarde voltar a trabalhar e aí quando aí eu chegava né e aí eu eles eles sentavam em volta assim e aí eu ficava conversando com eles, explicando as novidades se tinha empréstimo, alguns que estavam doente que precisavam da informação. Esse foi um dos fatos. Um outro foi que era inverno, que era os extremos, né? Era o inverno e também. Eu tinha ido viajar num auto de linha e o motorista, ele levava eu, às vezes levava o engenheiro ou o assistente social, enfim. E aí era um frio, um frio assim o que chegava a ter gelo nos trilhos assim, né? E mais uma vez, né? As pessoas trabalhando com todo esse frio aí tu ficava vendo, né? O que as criatura passavam, mas eles eram graças a Deus, eles tinham um bom salário, boa assistência tudo né”.

Frequentava o clube Grêmio Ferroviário Apollo, na sua família três tios, maridos das irmãs de sua mãe, e seu ex-marido também foram ferroviários. Divorciada, teve duas filhas e hoje mora na Praia da Guarda do Embaú, em Palhoça, no estado de Santa Catarina.

Figura 28- Angela Lima e as filhas Camile e Letícia



Arquivo Pessoal Angela Lima

Desafios e sucessos da exposição “Onde estão as Mulheres?”

Eu quero voltar

Por onde eu vim

Fecho os meus

olhos Ao trilho sem

fim

Trem 103 - Raul Seixas

Ao longo da pesquisa ocorreram algumas dificuldades quanto às entrevistas. Nas entrevistas com as senhoras Élide, Gladis e Zenith, houve demora para conseguir os contatos e para marcar o dia devido a incompatibilidade de agendas. Elas forneceram acesso a documentação e fotos.

A entrevista com a senhora Nara a dificuldade que se apresentou, além do primeiro contato, foram as enchentes de maio de 2024, quando ela viria a Cacequi, que teve a cabeceira da ponte de acesso levada pelas enchentes, devido a isso optamos por fazer a entrevista através do aplicativo de mensagens whatsapp. Mesmo sem habilidade no funcionamento da ferramenta, a senhora Nara conseguiu me enviar algumas fotos e áudios.

Quanto às entrevistas sobre a senhora Marlene, as filhas sugeriram que entrevistasse seu colega, senhor Paulo pois ele poderia saber mais, a filha Roberta ficou com alguns documentos mas não teve “coragem” de procurar, pois o falecimento da mãe ainda mexe muito com seus sentimentos. A filha Fabiana concedeu entrevista através do whatsapp e enviou as fotos.

O senhor Reginaldo encontrou uma pasta com alguns documentos de sua mãe Jupira, incluindo o contrato de trabalho, que prontamente emprestou para consultar e tirar cópias, porém pouco lembra das histórias do serviço da mãe.

Os desafios enfrentados para a montagem da exposição foram a demora do envio das fotos de algumas entrevistadas e a disposição do acervo no museu. O museu possuía as paredes com várias fotografias e quando se deu o começo da montagem as paredes estavam vazias. A secretária da educação Vanessa Antunes explicou que devido a goteiras naquelas paredes, foram retiradas as fotos para a limpeza e pintura e os quadros foram realocados atrás de alguns armários, que o museu já utilizava, colocando-os afastados das paredes, e fazendo um novo corredor onde os visitantes possam trafegar.

Quanto à entrada do museu, esta se encontra fechada pois após a feira do livro, que também aconteceu em novembro de 2024 na gare da estação, está ocupada por algumas peças da montagem dos estandes, estas não podem ser dobradas e estão armazenadas na entrada da escadaria do museu. Por isso, a entrada para a exposição se deu através da escadaria da secretaria de educação, Smed.

Para a exposição foi feito o *teaser*⁹ para chamamento à visitação, com as vozes de algumas das entrevistadas contando suas histórias, são elas: Gladis Pizzolato, Nara Caminha, Élide Soares, Angela Lima, Roseleia Moreira, Fabiana Pohlmann e Zenith Silveira. O vídeo tem a duração de 41 segundos e faz uma entrada pela porta do museu, em primeira pessoa, em

⁹ Teaser Exposição Mulheres Ferroviárias. Geísa Goersch Guterres. Youtube. 07 dez 2024. 0:41min <https://www.youtube.com/watch?v=oJqTPvemkug> Acesso em: 07 dez 2024

seguida são mostradas algumas fotos e documentos das entrevistadas que estão na pasta que faz parte da exposição. Os banners, oito no total, um com as perguntas: Onde estão as mulheres?; Será que haviam mulheres ferroviárias?; Quais são suas histórias?; Onde estão suas histórias?, este disposto na porta de entrada do museu. Os outros banners, cada um para cada mulher ferroviária, com uma foto e um breve histórico profissional. Dispostos por todo o acervo do museu, conforme as fotos:

Figura 29- Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 30- Porta de acesso da Secretaria da Educação para o Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi com o banner na exposição “Onde estão as mulheres?”



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 31- Banner Bacica na exposição “Onde estão as mulheres?” no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 32- Banner Angela na exposição “Onde estão as mulheres?” no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 33- Banner Élida na exposição “Onde estão as mulheres?” no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi,



arquivo pessoal da autora.

Figura 34- Banner Marlene na exposição “Onde estão as mulheres?” no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 35- Banner Nara na exposição “Onde estão as mulheres?” no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Durante a visita pode-se ouvir as vozes das entrevistadas através de um rádio antigo. Em um computador instalado na sala principal do museu onde estão os banners, o *teaser* fica sendo reproduzido para que as vozes delas sejam ouvidas. O agente de informática Liander Rodrigues Rodrigues, instalou e fez essa proposta para a exposição.

Figura 36- Computador do museu onde o teaser fica sendo exibido.



Fonte: Acervo da autora

Figura 37- Rádio antigo do acervo do museu onde transmite o som do teaser.



Fonte:Acervo da autora

Figura 38- Rádio antigo do acervo do museu onde transmite o som do teaser.

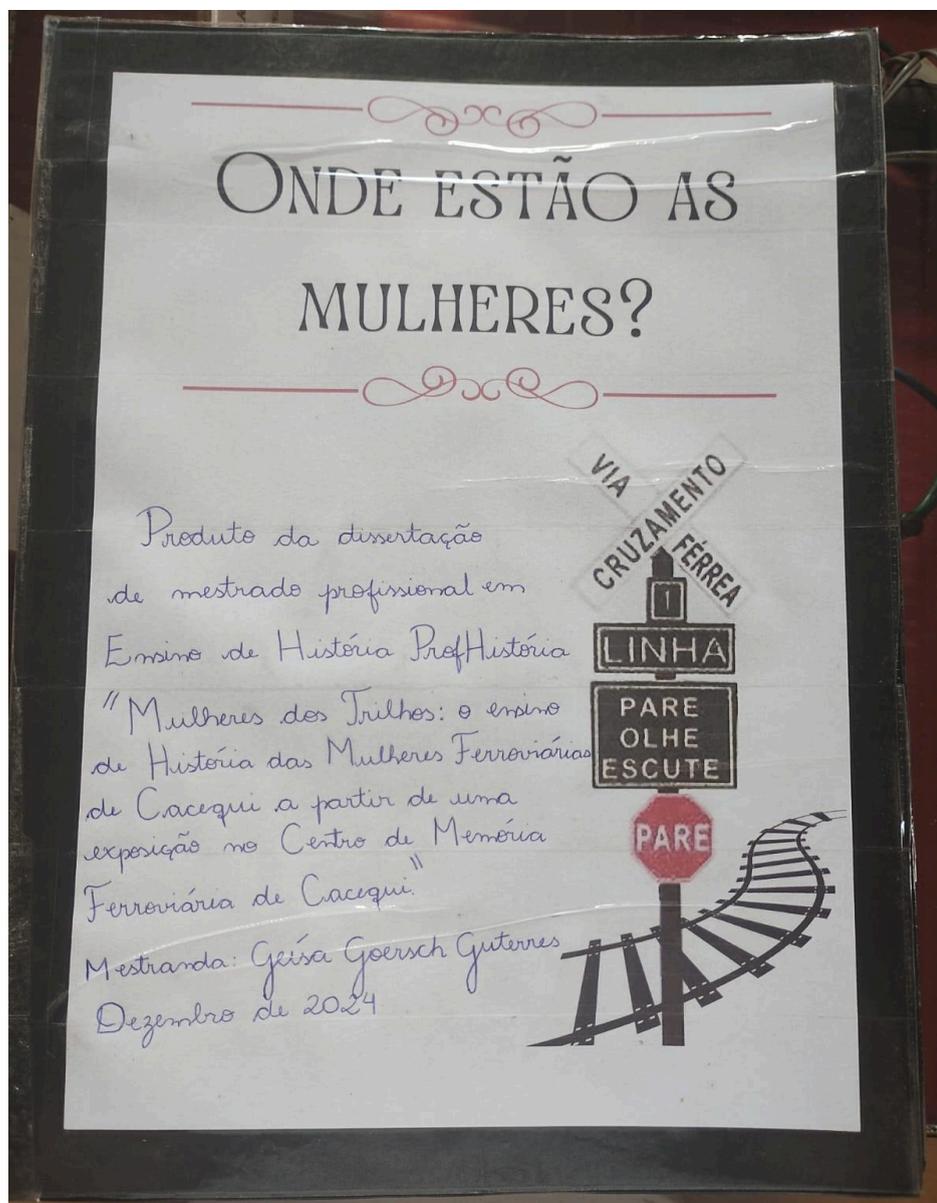


Fonte:Acervo da autora

Também foi confeccionada uma pasta onde estão outras fotos e documentos disponibilizados pelas mulheres ferroviárias e suas famílias, incluindo fotos de crachás, passagens do trem comum e do trem “húngaro”, contrato de trabalho, diplomas de cursos e treinamentos, passagem gratuita de férias e apostila do curso “Auxiliar de Agente Especial de

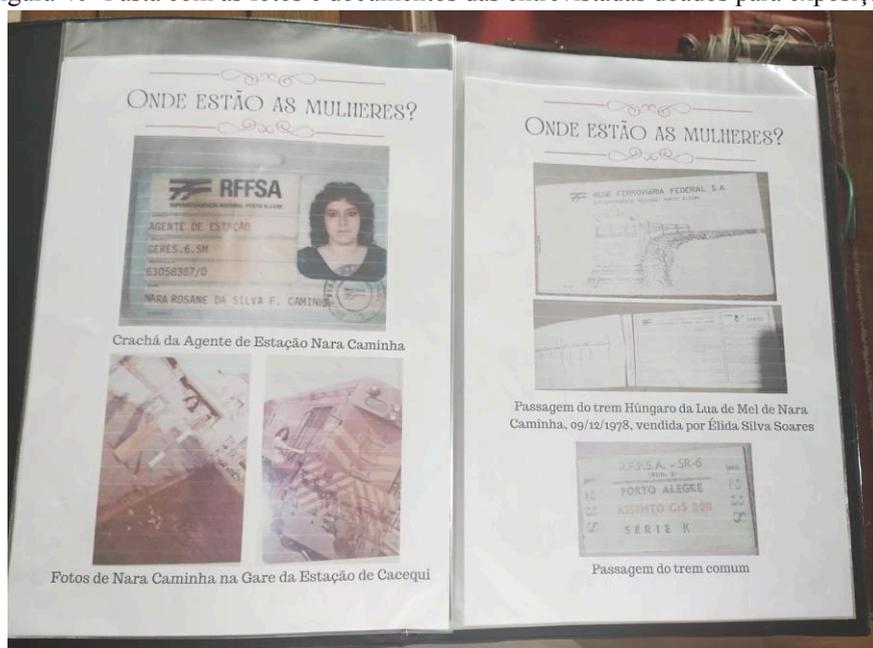
Estação”. Após a finalização deste trabalho pretende-se incluí-lo na exposição em uma nova pasta.

Figura 39- Pasta com as fotos e documentos das entrevistadas doados para exposição.



Fonte: Acervo da autora

Figura 40- Pasta com as fotos e documentos das entrevistadas doados para exposição



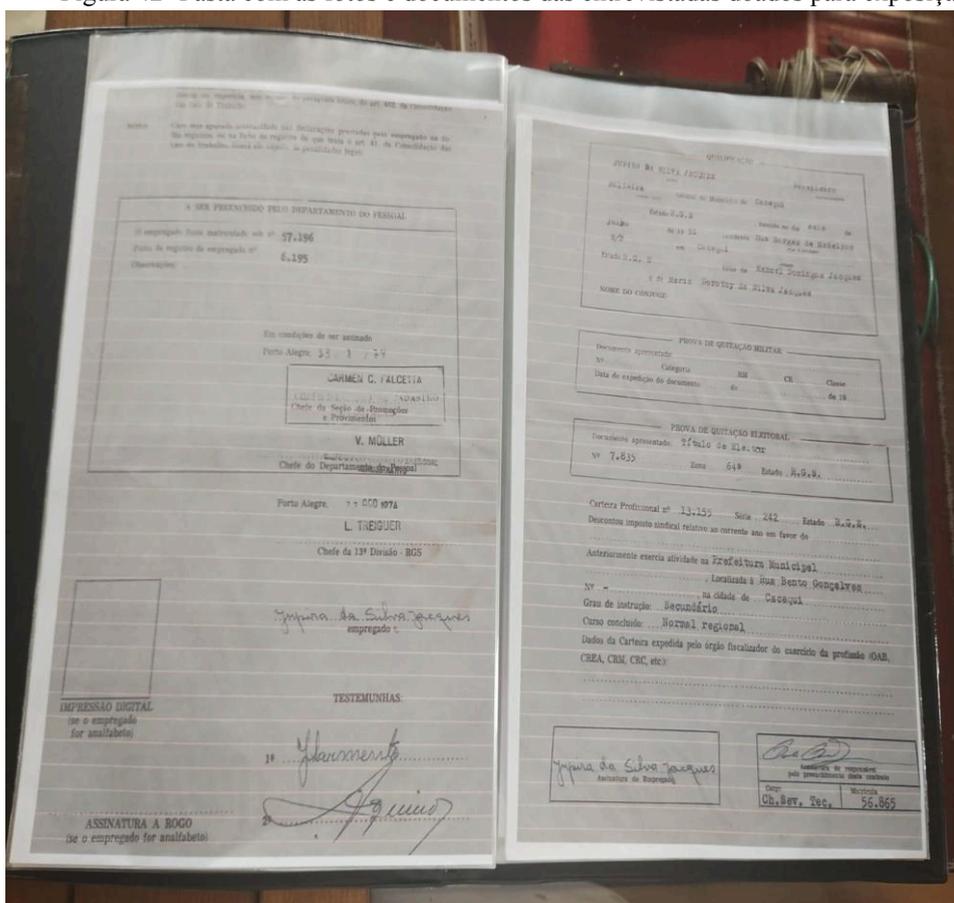
Fonte Acervo Da autora.

Figura 41- Pasta com as fotos e documentos das entrevistadas doados para exposição



Fonte: Acervo da autora

Figura 42- Pasta com as fotos e documentos das entrevistadas doados para exposição.



Acervo da autora

Quanto à visitação, desde a sua inauguração está em exposição “Onde estão as Mulheres?” no acervo onde ficará, pois todos os materiais foram doados para o museu. Com o lançamento do *teaser* no dia 07 de dezembro e o lançamento da exposição no dia 09, houve pouco tempo para divulgação, mesmo assim tivemos cinco turmas de ensino fundamental anos finais e sete turmas de ensino médio em visitação. Até a data de 06 de março de 2025 o vídeo contava com 217 visualizações na plataforma Youtube.

Figura 43- Turma do 9º ano do Ensino Fundamental na exposição “Onde estão as mulheres?” no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi,



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 44- Turma do 1º ano do Ensino Médio na exposição “Onde estão as mulheres?” no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Algumas perguntas foram levantadas pela professora antes e durante a visita, como por exemplo: Vocês já tinham se perguntado se as mulheres trabalhavam como ferroviárias? Vocês já tinham pensado em por que as mulheres não apareciam nas fotos e objetos do museu antes? Vocês pensaram que elas talvez só tivessem trabalhado como serviços gerais (na parte da limpeza, por exemplo)? E muitas foram as respostas.

Pode-se verificar pelos questionamentos das educandas o pouco conhecimento que têm do município em que habitam, mas quando instigados conseguem compreender a importância do lugar, no caso o museu, para a memória do município e das histórias contadas ali e, que fazem parte da própria história e as histórias que o museu conta. A maioria não sabia que mulheres trabalhavam na RFFSA e a primeira pergunta depois de lerem os banners era se estariam ainda vivas.

Algumas educandas inclusive conheciam as ferroviárias ali retratadas e contaram algo que sabiam sobre elas, ou que seus pais ou avós já haviam contado. E entendem como a história é feita de sujeitas históricas como elas próprias. Essa noção de se sentirem parte de algo considerado “importante”, faz com que compreendam também que a história é feita por “pessoas comuns” e que elas também fazem história.

Incentivar as educandas a pensarem o porquê da ausência de representatividade de pessoas ou grupos de alguma maioria minorizada (termo que remete não a quantidade, mas a grupos não privilegiados que sofrem com a desigualdade) em uma exposição, peça publicitária, entre outros meios de comunicação, a falta de sua história e até mesmo essas pessoas ou grupos não estarem utilizando certos espaços públicos, é fundamental para o desenvolvimento de seu pensamento crítico.

Quando questionadas do por que pensaram que não havia mulheres como ferroviárias ou se elas estavam presentes seria em cargos subalternos, não souberam responder, porém sabem que tem a ver com a história de opressão às mulheres, já debatida em aulas anteriores e por vezes, essa discussão, trazida por elas mesmas no decorrer das aulas. Interessante que elas por si só elevam o debate para outros questionamentos com novos recortes como o racial, o de gênero e o de classes e discutindo privilégios.

Essa exposição foi importante para o reconhecimento dessas mulheres por parte dos munícipes, importante para as comemorações dos 80 anos de Cacequi, mas principalmente

para que a história da ferrovia reconheça a participação fundamental e valiosa dessas mulheres.

No carnaval de 2025 a Escola de Samba Unidos da Vila Iponã de Cacequi teve seu enredo homenageando os 80 anos do município, inclusive destacando a história dos ferroviários, assim os componentes da bateria vestiram-se com a fantasia que imitava o uniforme dos ferroviários e a mestrandia teve a oportunidade de mais uma vez homenagear essas mulheres, escrevendo seus nomes na vestimenta para que público geral e as próprias entrevistadas e suas famílias pudessem prestigiar e reconhecer o papel importante que as mesmas realizavam, enquanto mulheres, trabalhadoras, mães e donas do lar, e apresentando-se como vencedoras mesmo com tantas dificuldades vivenciadas.

A pesquisa, o *teaser*, a exposição, o trabalho realizado com as educandas e as inúmeras homenagens feitas depois dessas ações fomentam o reconhecimento das mulheres na história de Cacequi e da ferrovia.

Figura 45- Autora Geísa representando as Mulheres Ferroviárias



Fonte: fotografia de Vinicius Mello, dia 03/03/2025

Considerações Finais

Esse trabalho, que valorizou a memória local, trazendo os relatos de trabalhadoras da ferrovia que ainda não tinham nenhum espaço no Museu Centro de Memória Ferroviária de Cacequi, foi importante para que as educandas conhecessem outras histórias e se questionassem do porquê não estarem presentes antes. E, mais considerável ainda o fato do reconhecimento e enaltecimento dessas “Mulheres dos Trilhos” que muito contribuíram para o crescimento da cidade e da ferrovia, recuperando essas memórias silenciadas e enriquecendo o acervo do museu.

No decorrer do trabalho surgiram recomendações das professoras que participaram das bancas de qualificação e defesa da dissertação que certamente engrandeceram a pesquisa, algumas sugestões foram possíveis serem incluídas, como a proposta da exposição com as “vozes das entrevistadas”, e outras que podem ser realizadas após o término da pesquisa, como a proposta da aplicação de um questionário com os estudantes para verificar o impacto da exposição em relação aos estudantes com respaldo de dados e planejar estratégias de manutenção da exposição para a sua continuidade e atualização.

O produto final desta dissertação, a exposição “Onde estão as mulheres?” propõe um gesto de reparação histórica e pedagógica ao tornar visível o protagonismo feminino no universo ferroviário da região. A iniciativa concretiza o objetivo da pesquisa ao transformar os relatos orais e os materiais visuais coletados por meio de entrevistas com antigas trabalhadoras da ferrovia em elementos centrais de uma narrativa museológica sensível e acessível.

ANEXOS

Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

Pelo presente documento, eu Roseleia S. M. Moura, brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 2017786013 e CPF: 54874378072, domiciliado (a) e residente no município de Cacequi, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação “MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI” apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de CACEQUI, na data _____, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa “MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI” juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam consequentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025

Roseleia S. M. Moura

Entrevistada

Geisa Guterres

Coordenação do Projeto/Pesquisadora

Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

Pelo presente documento, eu Rafael R. da S. F. Caminha, brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 1010030144 e CPF: 2489082008, domiciliado (a) e residente no município de Porto Alegre, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de Cacequi, na data 15/05/2024, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025

Rafael R. da S. F. Caminha

Entrevistada

Geisa Goersch Guterres

Coordenação do Projeto/Pesquisadora

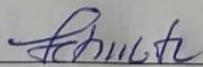
Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

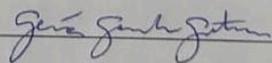
Pelo presente documento, eu PAULO SERGIO C. SCHULTZ brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 1017716737 e CPF: 25141821073 domiciliado (a) e residente no município de CACEQUI, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de CACEQUI, na data 15/12/2023, para a professora/pesquisadora Geísa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025



Entrevistada



Coordenação do Projeto/Pesquisadora

Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

Pelo presente documento, eu Reginaldo Jacques Loureiro, brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 1067599304 e CPF: 000.647.170.42, domiciliado (a) e residente no município de CACEQUI, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação “MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI” apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de CACEQUI, na data 25/04/2024, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa “MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI” juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025

Reginaldo Jacques Loureiro

Entrevistada

Geisa Goersch Guterres

Coordenação do Projeto/Pesquisadora

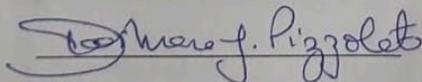
Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

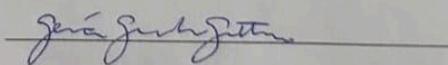
Pelo presente documento, eu Paulo Manoel J. Pizzolati, brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 424408359 e CPF 169286810 domiciliado (a) e residente no município de Cacequi, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de CACEQUI, na data 05/09/2023, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025



Entrevistada



Coordenação do Projeto/Pesquisadora

Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

Pelo presente documento, eu Elida Silveira Soares, brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 2010743521 e CPF 10398783004 domiciliado (a) e residente no município de CACEQUI, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de CACEQUI, na data 21/08/2023, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025

Elida Soares

Entrevistada

Geisa Goersch Guterres

Coordenação do Projeto/Pesquisadora

Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

Pelo presente documento, eu Roberta Pohlmann Goersch, brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade C e CPF: 01842784064 domiciliado (a) e residente no município de Boqueirão, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de CACEQUI, na data 11/12/2023, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025

Roberta Pohlmann Goersch

Entrevistada

Geisa Goersch Guterres

Coordenação do Projeto/Pesquisadora

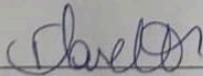
Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

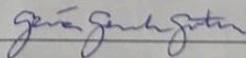
Pelo presente documento, eu Fabiano de Fátima Pohlmann Bette brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 407967681 e CPF: 9578026006 domiciliado (a) e residente no município de Cacequi, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de CACEQUI, na data 29/06/2023, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam consequentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025



Entrevistada



Coordenação do Projeto/Pesquisadora

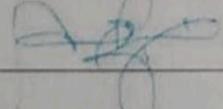
Carta de cedência da entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA UFSM

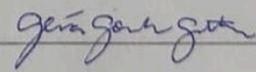
Pelo presente documento, eu ANGELA MARIA CALLEGARO DE LIMA, brasileiro (o), portador (o) do Registro de Identidade 8012544188 e CPF: 4782059053 domiciliado (a) e residente no município de PALHOÇA - SC, declaro ceder a Pesquisa para a dissertação "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do presente depoimento, de caráter histórico e documental, que prestei ao referido projeto, na cidade de PALHOÇA - SC, na data 21/04/2024, para a professora/pesquisadora Geisa Goersch Guterres, presente no ato da produção da entrevista.

A pesquisa "MULHERES DOS TRILHOS: ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES FERROVIÁRIAS A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE CACEQUI" juntamente com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA, ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, somente para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no seu todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Projeto de Pesquisa e junto ao Comitê de Ética, com a única ressalva de se obrigar a garantir sua integridade e indicação de fonte e autor, sob pena de aplicação de leis em vigor.

Santa Maria, 10 de março de 2025



Entrevistada



Coordenação do Projeto/Pesquisadora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIONI, Fabio Sapragnas. Produção de recursos didáticos em história. Editora Intersaberes. Curitiba, 2019

ARAS, L. B. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

BARROS, Liége Fonseca. Museu, fotografias e gênero: História visual das mulheres no Museu Municipal Deolindo Mendes. In: AZEVEDO, Paula Tatiane de et al. (Orgs.). III Jornada História e Gênero: experienciando Saberes e Cruzando Olhares de Gênero na Pesquisa, no Ensino e nas Militâncias [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez. 2009

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 23 dez. 2022

BRASIL. Ministério da Cultura. Aberta consulta pública para revisão da Política Nacional de Educação Museal. Disponível em: <<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/aberta-consulta-publica-para-revisao-da-politica-nacional-de-educacao-museal>> Acesso em: 23 dez. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

BRASIL. Portaria CAPES 171/2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 08 nov 2022.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. (2007), Fragmentos da História Ferroviária Brasileira e rio-grandense: fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS). Santa Maria, Pallotti.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCO, Francisco Carlos. Educação, Patrimônio e Cultura Local: concepções e perspectivas pedagógicas. Curitiba: CRV, 2019.

FREITAS, Maria Cristina Szczesny de. A imagem da mulher “gaúcha”: desconstruindo o silêncio no universo escolar. Dissertação ProfHistória Ufsm, 2021

GÓMEZ, Guilherme Stefano Rosa. Vida e trabalho de uma Ferroviária: Etnografia, Memória e Gênero/ Guillermo Stefano Rosa Gómez; - 2017; Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017; 12 p.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2010). Manual Técnico do Patrimônio

Ferroviário.

Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_tecnico_patrimonio_ferroviario.pdf. Acesso em: 30.11.2022

Jorge Luiz da Cunha; Laísa Quadro da Costa; Sandiara Daíse Rosanelli. (Org.). Povo de Clio: abrindo as pastas azuis. 1ed.São Leopoldo-RS: Oikos, 2021.

KERGOAT, Danièle. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Org.). História das Mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Nova História das Mulheres (org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

MAZZARIELLO, Carolina Cordeiro & FERREIRA, Lucas Bulgarelli. 2015. "Gênero". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/genero>

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2005.

NADAI, Elza. Ensino de historia no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de Historia, v. 13, n. 25/6, p. 143-62, 1993.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. DICIONÁRIO DA ALFABETIZAÇÃO. Decolonial In Pedagogia Decolonial. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/dicionario-da-alfabetizacao-pedagogias-decoloniais.html#:~:text=O%20termo%20decolonial%20faz%20refer%C3%Aancia,padr%C3%A3o%20de%20poder%20colonial%20euroc%C3%AAntrico>>. Acesso em: 08 nov 2022.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. HISTÓRIA, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 27 nov 2022.

PERROT, Michelle, Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros / Michelle Perrot; seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottmann. – 10ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

PETUBA, R. M. da S. Possas, Lídia Maria Vianna. Mulheres, Trens e Trilhos: Modernidade no Sertão Paulista. Bauru, SP: Edusc, 2001. 462 p. Revista de História Regional, v. 11, n. 1, 1 out. 2007.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 579-606.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004



ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). História oral e história das mulheres: rompendo silenciamentos. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classe: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013 [1969]

SANTOS, Beatriz. B. M. . O currículo da disciplina História no Colégio Pedro II-Império. Cadernos de História da Educação (Online), v. 14, p. 01, 2015.

SCHWARZSTEIN, Dora. Una introducción al uso de la Historia Oral en el aula. Fondo de Cultura Económica, 2001, 108 páginas

SOARES, André Luiz Ramos; MINUZZI, João Davi Oliveira; MACIEL, Renata Baldin. Dossiê “Jornadas Mercosul: memória, ambiente patrimônio (2010)”. Memória e história local como patrimônio. In: Mouseion, n. 10, p. 131-134, jul./dez. 2011.

SOIHET Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

STREY, Marlene Neves et alli. Mulher, gênero e representação. In: STREY, Marlene Neves (org.). Mulher, estudos de gênero. São Leopoldo: Ed. UNISINOS. 1997

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 3, p. 28–62, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>. Acesso em: 30 out. 2022.-

TOLEDO, Cecília. Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. 2.ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

VALENTIM, Renata Patricia Forain de; MARTINS, Renata Dahwaches; RODRIGUES, Mariana Martelo. “Ideários da Educação Feminina na Primeira República Brasileira”. In: Cadernos Pagu, 57, Campinas, 2019.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Gênero não é ideologia: explicando os Estudos de Gênero. (Artigo) In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/explicando-estudos-de-genero/>. Publicado em: 27 nov. 2017. Acesso: 27 nov 2022.